

DAMARIS MAGNANI ROTA

**MELHOR IDADE NA REDE: UMA VISÃO DA INCLUSÃO DIGITAL DO IDOSO.
ESTUDO DO CASO DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE DA
UNESP BAURU**

Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia apresentada como avaliação parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo do curso de Comunicação Social - Jornalismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/BAURU.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Gobbi

BAURU 2012

DAMARIS MAGNANI ROTA

**MELHOR IDADE NA REDE: UMA VISÃO DA INCLUSÃO DIGITAL DO IDOSO.
ESTUDO DO CASO DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE DA
UNESP BAURU**

Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia apresentada como avaliação parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo do curso de Comunicação Social - Jornalismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/BAURU.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Gobbi
FAAC / UNESP

Prof. Dr. Pedro Celso Campos
FAAC / UNESP

Prof. Dr. Francisco Machado Filho
FAAC / UNESP

Bauru, ____ de novembro de 2012

À minha mãe e à minha tia Helena (in memoriam), que inspiraram este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à minha mãe, que inspirou este projeto e me apoiou em todos os momentos, acreditando em minha capacidade mesmo quando eu mesma não acreditava.

Agradeço também à minha tia Helena (*in memoriam*), que foi quem começou a “mexer no computador” e inspirou a todos.

Às bolsistas e voluntárias na Unati da UNESP/Bauru, que me receberam de braços abertos nas aulas do projeto “Terceira Idade Digital” (TID) e forneceram todas as informações que eu precisava.

Às alunas do TID, que me inspiraram aula a aula e forneceram entrevistas que me ajudaram a entender o universo da inclusão digital.

À minha orientadora Maria Cristina Gobbi, que teve paciência comigo desde o início.

Aos meus amigos, que me acolheram em momentos bons e ruins e me incentivaram a continuar.

O homem só envelhece quando os lamentos substituem seus sonhos

Provérbio chinês

Qual seria a sua idade se você não soubesse quantos anos você tem?

Confúcio

ROTA, Damaris Magnani. **Melhor idade na rede: Uma visão da inclusão digital do idoso. Estudo do caso da Universidade Aberta à Terceira Idade da UNESP Bauru.** Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Univ. Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em jornalismo, sob a orientação da Prof^a Dra. Maria Cristina Gobbi, 2012, 85 p.

Resumo

Na sociedade da informação, o uso de tecnologias foi incorporado ao nosso cotidiano. O uso de computadores pessoais e internet, porém, não atinge todos os indivíduos, criando o problema da exclusão digital. Atualmente, diversas políticas de inclusão vêm sendo desenvolvidas para diminuir o abismo digital na sociedade, de modo a possibilitar um acesso plural à internet. Dentre estas iniciativas, destacam-se os projetos de inclusão digital entre idosos, faixa da população que cresce cada vez mais e busca qualidade de vida, reinclusão social e saúde. Em tal contexto, as universidades abertas da terceira idade (Unatis) trazem ao idoso cursos e oficinas, de modo a incentivar a atividade nesta faixa etária. Um exemplo de tal ideia é a Unati da UNESP Bauru, que desenvolve o projeto “Terceira Idade Digital”. Este trabalho busca fazer uma análise da relação de idosos com determinadas tecnologias, além mostrar o cenário da inclusão digital, com seus atrasos e progressos.

Palavras-chave: Inclusão Digital, Terceira Idade, Universidade Aberta à Terceira Idade

Abstract

In the information society, the use of Technologies has been incorporated to our quotidian. The use of personal computers and internet, however, does not reach to all the individuals, creating the problem of digital exclusion. Nowadays, many inclusion politics are being developed to diminish the digital abyss in society, in a way to enable a plural access to the internet. Between these initiatives, we highlight the projects of digital inclusion among the elderly, slice of the population that grows more each day and seek quality of life, social reinclusion and health. In this context, the open universities for the elderly bring to the aged courses and workshops, in order to encourage the activity in this age group. An example of this idea is the Unati of UNESP Bauru, that develops the project “Terceira Idade Digital”. This work aims to analyze the relation between the elderly with certain technologies, apart from showing the digital inclusion scenario, with its delays and progresses.

Keywords: Digital Inclusion, Third Age, Open University for the Elderly

Lista de Tabelas

1	Estatísticas de uso da Internet no mundo – Dezembro de 2012	15
2	Participação de cada estado na renda nacional e na inclusão digital – Brasil 2005	28

Lista de Gráficos

1	Percentual das pessoas que utilizaram a Internet para cada finalidade	18
2	Contato com e uso de computador	38
3	Contato com e uso de Internet	38
4	Direitos assegurados pelo Estatuto do Idoso	41
5	Pirâmide etária de 1960	42
6	Pirâmide etária de 2000	42
7	Pirâmide etária de 2012	43

Lista de abreviaturas e siglas

BBC – British Broadcasting Corporation
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CMSI – Cúpula Mundial Sobre a Sociedade da Informação
ECO-92 - A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento
e-Gov – Governo Eletrônico
IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDC – International Data Corporation
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
Iesib - Índice de Evolução da Sociedade da Informação no Brasil
ISI – Índice da Sociedade da Informação
IWS – Internet World Status
MC – Ministério das Comunicações
MCT – Ministério da Ciência e Tecnologia
MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
UNATI – Universidade Aberta da Terceira Idade
OLPC – One Laptop per Child
PC – Personal Computer
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
ProInfo – Programa Nacional de Tecnologia Educacional
PUC – Pontifícia Universidade Católica
SESC – Serviço Social do Comércio
SIGETEC – Sistema de Gestão Eletrônica
TID – Terceira Idade Digital
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNESP – Universidade Estadual Paulista

Sumário

1. Introdução	11
Capítulo 2 - Uma Nova Visão de Mundo Digital	13
2.1 Condições da exclusão, marginalização e inclusão digital	13
2.2 Barreiras Socioeconômicas.....	15
2.3 A cara da Internet no Brasil.....	17
2.4 Políticas de Inclusão Digital	20
2.5 Obstáculos à Inclusão	24
2.6 Voz ativa na Internet.....	29
Capítulo 3 – Melhor Idade na Rede	33
3.1 Imigrantes Digitais X Nativos Digitais.....	33
3.2 Idosos e Tecnologias	36
3.3 O cenário da Terceira Idade no Brasil	39
3.4 As Universidades abertas à Terceira Idade	44
3.5 A Universidade Aberta à Terceira Idade da UNESP Bauru	46
3.6 Acompanhamento das aulas da Unati.....	49
3.6.1 Comportamento das alunas fora da internet	49
3.6.2 Comportamento das alunas na internet.....	51
3.6.3 Outras impressões.....	53
4. Considerações finais	55
Referências	57
Apêndices.....	62
Anexos.....	72

1. Introdução

A internet modificou a maneira como o ser humano vê o mundo. Transformou o jeito como ele lê, escreve, conversa, pesquisa e age no dia-a-dia. O jovem atual tem acesso à internet em casa, na escola e em todo lugar, graças aos computadores portáteis e dispositivos de acesso como *smartphones* e *tablets*. Acessar a rede mundial de computadores já é algo cotidiano, presente na vida das pessoas. Ou pelo menos deveria ser, uma vez que a maioria das informações compartilhadas atualmente passa pelo meio digital. Porém, não são todos que tem este acesso, e aí reside o perigo da revolução digital: um novo tipo de exclusão, que cria um *apartheid*¹ entre quem usa e não usa a rede.

E este abismo digital vem de formas e dimensões. Pode ser a diferença entre membros de uma família, estados de um país ou entre continentes e países. Diz-se que não há limite para a grandiosidade da sociedade digital, mas as transformações acabam esbarrando em dificuldades de infraestrutura e educação que atrasam a evolução na área.

A revolução digital vem trazer inovações e problemas assim como a revolução industrial trouxe há décadas atrás: os mais pobres encontram as oportunidades que os ricos possuem e permanecem em uma espécie de limbo digital e socialmente. Diversas políticas vêm sendo desenvolvidas como maneira de sanar o hiato digital em diversos lugares, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido. Tais políticas buscam oferecer o acesso ao meio digital mas, além disso, devem também ensinar o recém-incluído a utilizar corretamente tais tecnologias, bem como mostrar ao indivíduo as dimensões das conquistas que podem ser alcançadas no mundo *online*, além dos perigos que ele oferece ao internauta desavisado.

No contexto da exclusão digital, este trabalho destaca um grupo em especial: a terceira idade. Em um mundo em que as pessoas vivem cada vez mais, os idosos vêm ganhando espaço e voz para exigir seus direitos. Um deles é a inclusão digital, necessária para que tais indivíduos possam participar ativamente da sociedade moderna.

De modo a estudar uma amostra de tal faixa da população, foi acompanhado o projeto da Universidade Aberta da Terceira Idade da UNESP de Bauru. Foi um semestre de aulas que versaram sobre a inclusão digital, desenvolvido no campus de Bauru, com a observação do aprendizado e reações dos alunos envolvidos na atividade. Para atingir os resultados, foram realizadas entrevistas com um grupo de alunas e analisou-se as atividades desenvolvidas na internet e em outras ferramentas de informática, de modo identificar suas vitórias,

¹ Divergência no acesso a tecnologias entre diferentes grupos, a partir da desigualdade social, econômica e política entre estes.

dificuldades e impressões sobre o novo espaço que elas estavam conhecendo: o mundo digital.

A intenção aqui é falar da inclusão digital com ênfase na internet. Sabe-se que tal espécie de inclusão engloba também uso de dispositivos portáteis, celulares e outros tipos de tecnologia. Porém, objetivando fechar o espectro da pesquisa, escolheu-se a internet, meio que apresenta pluralidade de conteúdos e possibilidades que resumem a dinamicidade da vida moderna e cujos efeitos podem ser observados no dia-a-dia.

Deste modo, este trabalho objetiva identificar os principais aspectos da inclusão e exclusão digital, relacionando tais aspectos com a terceira idade. Ao final, pretende-se estabelecer porque é tão importante combater a exclusão digital e de que maneira as universidades abertas da terceira idade conseguem alcançar e derrubar o obstáculo da divisão digital entre idosos e outros segmentos da população.

Para tal, o trabalho foi dividido em quatro capítulos. Na seção “Uma nova visão de mundo digital”, discute-se o que são os termos marginalização, exclusão e inclusão digital, além de seus efeitos na sociedade. Também são mostradas as barreiras que devem ser derrubadas para que a inclusão digital se consolide, além de alguns projetos que buscam alcançar este ideal e os efeitos benéficos da internet no mundo atual. No capítulo seguinte, intitulado “Melhor idade na rede”, é exibida a dicotomia entre imigrantes e nativos digitais e de que modo isto se aplica na relação entre idosos e tecnologias. É mostrado um cenário da terceira idade no Brasil, o fenômeno das universidades abertas à terceira idade e os resultados do estudo das aulas do projeto “Terceira Idade Digital” da UNESP de Bauru.

Esta monografia é resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre a temática da inclusão digital, exclusão digital e terceira idade. Para acompanhar de perto os efeitos das tecnologias na vida dos idosos recém incluídos, foram observadas as aulas de informática e internet da Unati no período do segundo semestre de 2012. De modo a conhecer mais a fundo as opiniões dos alunos, foram realizadas entrevistas com três alunas frequentadoras do projeto, que expuseram suas impressões e expectativas a respeito das aulas.

Capítulo 2

Uma nova visão de mundo digital

Antes de entrar no mundo da inclusão digital, é preciso primeiro definir o que ela significa. É importante frisar que a inclusão, para este trabalho, só é consolidada quando pessoas que antes não tinham acesso aos meios digitais passam a tê-lo, por meio de máquinas como computadores e redes como a internet. Segundo Silva Neto e Carvalho (2008, p.26), “quando há acesso, e por consequência recuperação de informação, fica possível também a produção e disseminação de informações”.

Deste modo, no mundo atual, o cidadão sem acesso às tecnologias da informação e comunicação se encontra lamentavelmente atrasado em relação aos que tem a oportunidade de utilizá-las. Assim, a cada nova tecnologia que surge, fica ainda maior o abismo entre “infoincluídos” e “infoexcluídos”, caracterizando tais tecnologias como “facas de dois gumes” (BECKER, 2009, p.12). Quem tem acesso permanece constantemente atualizado, enquanto quem não tem continua em um mundo paralelo.

2.1 Condições da exclusão, marginalização e inclusão digital

Para se discutir a inclusão digital, é necessário primeiro determinar a extensão dos efeitos que a falta de acesso às tecnologias de informação e comunicação pode causar. No contexto mundial atual, o acesso a computadores pessoais e à internet significa acesso irrestrito a todos os tipos de informação e entretenimento, uma vez que o meio reúne “todos os gêneros possíveis” (MARCUSCHI, 2003, p.15). Uma vez que isso seja levado em consideração, não seria a falta de acesso à internet uma maneira de exclusão não só digital, mas também social?

É necessário, primeiramente, estudar mais a fundo o termo “exclusão digital” e “marginalização digital”. Há uma divisão entre os teóricos da área em relação ao uso de cada uma dessas expressões. No caso da exclusão, a falta de acesso à rede mundial de computadores é tomada como uma maneira de deixar um indivíduo alheio ao resto da sociedade. Neste contexto, o grupo sem acesso a tal meio vive em um mundo paralelo, sem conseguir alcançar o mesmo tipo de informação que o grupo digitalmente incluído. Porém, argumenta-se que tal terminologia não é correta porque, para que um indivíduo seja excluído

de um grupo ou situação, ele primeiro precisa estar incluído no mesmo (SANTOS, 2002, p. 7-8 *apud* BECKER, 2009, p. 76).

O binômio inclusão/exclusão é, portanto, de caráter dicotômico, podendo ser considerado radical. De modo a suavizar a divisão entre indivíduos com e sem acesso às tecnologias, usa-se a expressão “marginalização digital”. No caso, é proposto que é possível que as pessoas tenham acesso ao mundo digital mesmo no contexto excludente em que vivemos (DEMO, 2007, p.1). Porém, tal situação é maléfica para a evolução do profissional no mercado de trabalho, uma vez que, no contexto atual, o conhecimento das ferramentas on-line é um critério de seleção para trabalho na maioria das empresas, mesmo que não diretamente ligadas à internet.

Outro termo que vem sendo largamente usado é o *digital divide*. Para explicá-lo, é necessário voltarmos algumas décadas. Nos anos 1990 ocorreu um “boom” no uso da internet. Desde então, o cenário on-line se modificou completamente, com o surgimento de novos *sites*, *blogs* e redes sociais, além das ferramentas de *podcasting*², *video sharing*³, fóruns e mais dezenas de modos de compartilhamento de conteúdo *online*.

Neste contexto em que maneiras de se compartilhar informações e ideias surgem todos os dias, muda-se a maneira de encarar tal compartilhamento. Antes, o aprendizado era feito em salas de aula, conversas e livros. Era a apreensão material e presencial da informação, que exigia mais tempo e enfrentava diversos obstáculos físicos. Com a internet, a transmissão de tais informações se modificou. Tomando como exemplo o contexto do ensino, percebe-se ainda mais tal mudança. O aluno digitalmente incluído agora tem uma ampla gama de locais *online* para pesquisar sobre diferentes assuntos. Além disso, ele tem acesso a diversas redes sociais onde é possível passar suas ideias e resultados de pesquisa adiante, criando novos compartilhamentos e debates que podem migrar de uma esfera para outra em questão de segundos.

Porém, à medida que tais ferramentas se desenvolvem, aumenta o abismo entre “infoincluídos” e “infoexcluídos”, assim como cresce a gravidade da falta de acesso a tais tecnologias. Ora, se um grupo de pessoas tem a oportunidade de buscar informações em um meio irrestrito e que se desenvolve dia-a-dia e outro grupo não, cria-se uma nova forma de divisão na sociedade. Daí vem o termo “digital divide”, cunhado para ilustrar esse abismo

² Termo cunhado com a junção de duas palavras em inglês: *Broadcast* que significa “transmissão” e iPod, nome do tocador de MP3 desenvolvido pela Apple. Designa uma publicação de arquivos de mídia digital através de um *feed* RSS, que permite que os usuários da ferramenta acompanhem as atualizações (CASTILHO, 2006, Web)

³ Compartilhamento de vídeos.

entre incluídos e excluídos digitalmente tanto dentro de um país quanto entre diferentes países no contexto da *web* mundial.

2.2 Barreiras socioeconômicas

No estudo da divisão digital, são consideradas diversas variáveis, tais como educação, renda, idade, conhecimentos na área e localização. Deste modo, suas características variam de região para região e de país para país, como pode ser observado na tabela abaixo.

Tabela 1 – Estatísticas de uso da Internet no mundo – Dezembro de 2012

REGIÕES DO MUNDO	POPULAÇÃO (ESTIMATIVA 2011)	USUÁRIOS DE INTERNET (DEZEMBRO DE 2000)	USUÁRIOS DE INTERNET (2011)	PENETRAÇÃO ¹ DA INTERNET (% POPULAÇÃO)	CRESCIMENTO 2000 - 2011	USUÁRIOS %
ÁFRICA	1.037.524.058	4.514.400	139.875.242	13,5 %	2.988,4 %	6,2 %
ÁSIA	3.879.740.877	114.304.000	1.016.799.076	26,2 %	789,6 %	44,8 %
EUROPA	816.426.346	105.096.093	500.723.686	61,3 %	376,4 %	22,1 %
ORIENTE MÉDIO	216.258.843	3.284.800	77.020.995	35,6 %	2.244,8 %	3,4 %
AMÉRICA DO NORTE	347.394.870	108.096.800	273.067.546	78,6 %	152,6 %	12,0 %
AMÉRICA LATINA/CARIBE	597.283.165	18.068.919	235.819.740	39,5 %	1.205,1 %	10,4 %
OCEANIA/AUSTRÁLIA	35.426.995	7.620.480	23.927.457	67,5 %	214,0 %	1,1 %
TOTAL MUNDIAL	6.930.055.154	360.985.492	2.267.233.742	32,7 %	528,1 %	100,0 %

Fonte: Internet World Status – World Internet Users and Population Stats

Notas: Os dados referem-se a 31 de dezembro de 2011; Números populacionais são baseados no US Census Bureau; Informações sobre o uso de internet vem de dados publicados pela Nielsen Online, pela International Telecommunications Union, por GfK, NIT local e outras fontes confiáveis.

Observa-se que a porcentagem de usuários e de crescimento do uso da internet varia muito entre os diferentes continentes. Em geral, o número de usuários cresceu de maneira impressionante em todo o mundo, em especial na África e no Oriente Médio. Tais regiões são conhecidas por agregarem uma quantidade significativa de países considerados economicamente subdesenvolvidos, que acabaram por atingir maiores níveis de inclusão digital no começo dos anos 2000. Tal fenômeno explica o aumento assombroso no número de usuários no período de 2000 a 2011. Já países considerados desenvolvidos, em especial na América do Norte e Europa, o *boom* digital já foi observado em meados dos anos 1990.

De acordo com os dados analisados, nota-se que a inclusão tecnológica está diretamente ligada com as condições econômicas de cada país. E isso não é uma característica observada apenas na era da internet.

Todo período histórico possui um conjunto de tecnologias que as sociedades dominantes – e dentro delas, suas elites – utilizam como fonte especial de poder e de reprodução da riqueza. Não seria exagero apontar que as sociedades humanas se organizam como sociedades tecnodependentes. Dificilmente encontraremos exemplos históricos de sociedades ricas ou com qualidade de vida avançada em países que não dominam ou usam as principais tecnologias de seu período. (SILVEIRA, 2005, p.425)

Deste modo, todo país em situação econômica mais privilegiada acaba tomando a dianteira na corrida pela inclusão digital de sua população. Segundo BECKER (2009), a expansão de usuários ocorre apenas quando se desenvolve uma infraestrutura específica, que inclui condições de implantação de rede telefônica e de banda larga, provedores de acesso e placas de rede, bem como estruturas de processamento como microcomputadores, *softwares*, multimídia etc.

Porém, a infraestrutura não é a única condição para que a inclusão digital se consolide. Ainda segundo a autora, é necessário compreender que não basta prover acesso à internet a cada indivíduo: é preciso promover a educação digital. O “inoincluído” depende de uma conexão com velocidade de qualidade, *softwares* livres e de fácil acesso e um conhecimento básico da língua inglesa, uma vez que, de acordo com dados de outubro de 2012 do *W3 Techs*⁴, 55,1% dos sites existentes tem seu conteúdo apresentado em inglês. Não adianta disponibilizar máquinas para a população se não dermos também condições para que elas sejam usadas de maneira eficiente. Inclusão sem educação promove um analfabetismo funcional digital, que pode ser tão maléfico quanto o analfabetismo funcional que já conhecemos há tempos.

O acesso às tecnologias de informação e comunicação já não pode ser tomado como um “luxo”. Porém, em mundo em que metade da população vive com menos de US\$ 2,50 por dia⁵, as políticas de inclusão digital acabam sendo relegadas para segundo plano, com a justificativa de que outras questões devem ser resolvidas antes de tal preocupação com o acesso aos meios digitais. O problema é que, enquanto isso, os países mais ricos se

⁴ *W3 Techs: Web Technology Surveys*. Disponível em: < <http://w3techs.com/>>. Acesso em: 1 nov. 2012.

⁵ *Percent of people in the world at different poverty levels, 2005*. Disponível em: < <http://www.globalissues.org/article/26/poverty-facts-and-stats>>. Acesso em: 1 nov. 2012.

desenvolvem ainda mais na área e o abismo – já citado anteriormente como “digital divide” – se amplia.

E a disparidade digital acaba criando um círculo vicioso. O indivíduo não inserido neste universo perde a oportunidade de participar de discussões que poderiam melhorar a situação de seu país e sua vida profissional e pessoal, permanecendo relegado a um mundo paralelo com a comunicação prejudicada e, assim, perdendo a oportunidade de participar e ter voz ativa em seu meio social. As discussões saíram da praça pública e tomaram o caminho das redes sociais: quem não está nelas perde um pedaço essencial do exercício da cidadania e de evolução pessoal e profissional.

Considerando a problemática que a falta de acesso às tecnologias de informação cria, usarei, nesta monografia, as expressões “inclusão digital” e “exclusão digital”, caracterizando indivíduos inseridos e indivíduos não inseridos no contexto tecnológico. Acredito que a pessoa “infoexcluída” é verdadeiramente integrante de um grupo separado, que perde espaço na sociedade “infoincluída” dia a dia. Não ter acesso significa estar fora de um contexto. É como estar em uma festa, mas não saber dançar.

2.3 A cara da internet no Brasil

A expansão no uso da internet no Brasil se deu em meados dos anos 1990. Antes disso, o uso da rede mundial de computadores era restrito a grupos privilegiados, tais como estudantes de pós-graduação de universidades federais, alguns militares e pessoas vinculadas ao projeto de redes de comunicação Alternex, através de computadores do Ibase, o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (LIMA, 2003, p. 63). O Alternex foi o primeiro provedor brasileiro que possibilitava o acesso à internet por pessoas físicas. Criado em 1989, só atingiu um crescimento significativo após a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92), ocasião em que o Brasil recebeu equipamentos para instalar uma rede de computadores na conferência.

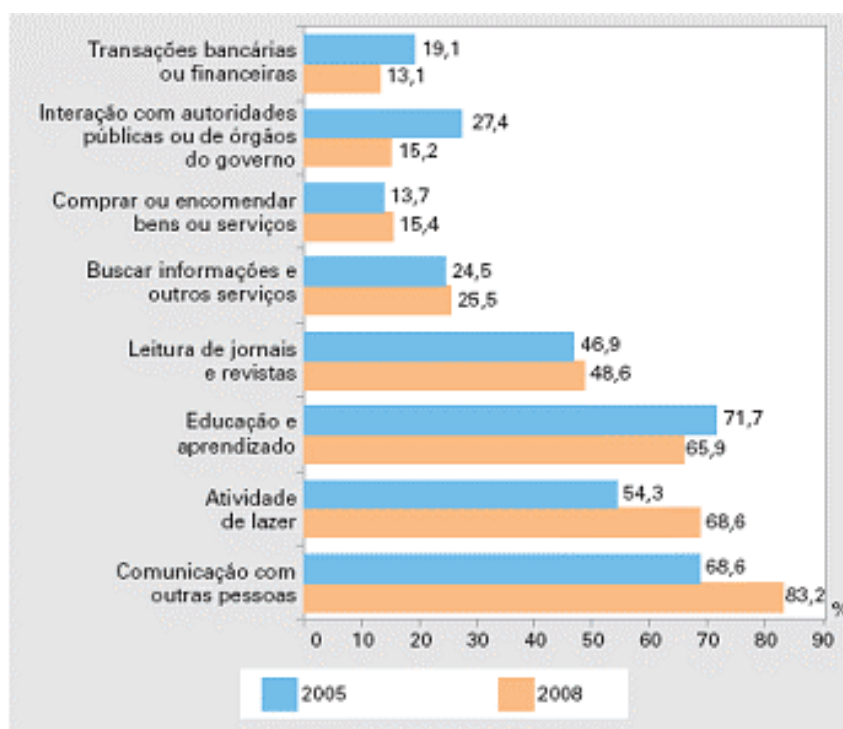
Com a expansão da internet para além do âmbito acadêmico, começaram a ser desenhados os rumos que a *web* seguiria e alcançaria nos anos seguintes. De um meio de armazenamento e pesquisa arcaico, que servia apenas a um grupo fechado em máquinas específicas, a *web* se tornou algo presente no cotidiano de milhares de pessoas. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2011, 39,8% dos domicílios brasileiros tem um microcomputador com acesso à internet em casa, e 77,7

milhões de pessoas com 10 anos de idade ou mais declararam ter acessado a internet no período de três meses anteriores à data da entrevista, o que significa um crescimento de 14,7% em comparação a 2009.

Em relação ao local onde a internet é acessada, a maioria dos usuários (57,1%) indicou que utilizavam a rede em casa, e, em segundo lugar, centros de acesso público pagos ou *lan houses*. Há, porém, diferenças regionais. A maioria da população das regiões Norte e Nordeste usa a internet em *lan houses*, o que é justificado pelo menor número de computadores pessoais com acesso à internet em domicílios destas regiões.

Algo que também deve ser analisado em relação ao uso da internet no Brasil é a finalidade para qual ela é acessada. Em países em que o meio é mais consolidado e popularizado, há, por consequência, uma maior confiança e maior conhecimento das ferramentas do meio. Por isso, as compras *online* e transações bancárias são utilizadas em maior quantidade. No Brasil, porém, a internet é mais usada para comunicação, como se pode observar no gráfico a seguir.

Gráfico 1 - Percentual das pessoas que utilizaram a Internet para cada finalidade, na população de 10 anos ou mais de idade que utilizou a Internet, no período de referência dos últimos três meses - Brasil 2005-2008



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2008.

Nota: As pessoas foram incluídas em todos os locais em que acessaram a Internet.

Observa-se que ainda há certa reserva em relação ao uso da rede mundial de computadores em determinadas áreas. Sabe-se hoje que a internet é um meio com características nunca vistas antes. São elas:

1. É um “multimeio”: a internet reúne todas as possibilidades de comunicação possíveis. Engloba vídeos, áudio e texto, em *sites*, *blogs*, portais, redes sociais e demais páginas. Permite o contato com outras pessoas através diversas maneiras, abre espaço para compras, transações bancárias, pesquisas, enfim, uma nova vida a ser vivida *online*. Segundo Takahashi (1999), é o primeiro meio que reúne “computação (a informática e suas aplicações), as comunicações (transmissão e recepção de dados, voz, imagens etc.), e os conteúdos (livros, filmes, pinturas, fotografias, música etc.)”. A palavra chave da internet é “convergência”. Não só entre os elementos da própria internet, mas entre ela e outros meios de comunicação já consolidados na população e também em constante evolução. Sobre isso, Jenkins (2009, p. 29) afirma

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando.

2. Interatividade: de todos os meios de comunicação existentes, a internet é o que permite mais interação entre autor e público, além deste *feedback* ter a possibilidade de ser instantâneo e livre, abre espaço para debates que levam as postagens feitas a um outro nível. O público acaba se tornando também autor, e tem liberdade de manifestar sua opinião, seja leva positiva ou negativa.
3. Crescimento ilimitado: o meio tem a característica de ser o mais livre possível, para o bem ou para o mal. Isso possibilita um espaço de criação em todas as áreas, de vídeos até redes sociais. Por isso, é difícil imaginar um cenário em que a internet se torne algo obsoleto ou de pouco uso na população. Isso se dá porque mesmo com a queda na popularidade de algum elemento na rede, outro acaba surgindo e ganhando espaço. E no caso de meios que se estagnaram, a internet os abraça. Um meio abraça e adapta o outro, sempre se fortalecendo.

Em relação aos indivíduos que estão se inserindo no mundo digital agora, observa-se certa relutância em aceitar tal pluralidade de meios. É claro que, observando a história dos meios de comunicação no Brasil e no mundo, sempre há dificuldade em torná-los parte do cotidiano. Com a internet a adaptação é ainda mais difícil, pois existem muito mais coisas a serem absorvidas e utilizadas. A adaptação seria mais fácil se, juntamente com o acesso às novas tecnologias, houvesse maior educação digital da população.

O recém incluído digitalmente acaba sem saber todas as possibilidades que a internet proporciona e, devido a isso, se recolhe a uma pequena participação na rede. A pessoa fica em contato com o básico: *e-mail*, alguma rede social e pesquisas on-line simples. Acaba por se conformar com um conhecimento restrito, e acaba desistindo ao invés de avançar em seus estudos.

É impossível ensinar ao aluno de internet todas as possibilidades do meio, uma vez que elas beiram o infinito. O ponto é possibilitar a autoeducação. É como diz o velho dito popular: “Dê um peixe a um homem faminto e você o alimentará por um dia. Ensine-o a pescar, e você o estará alimentando pelo resto da vida”. O grande desafio aqui é possibilitar uma integração e uma familiarização com o meio de modo a também abrir espaço para a evolução do aluno.

E aí entra o grande desafio da inclusão digital no Brasil. Além de garantir a mínima infraestrutura para que seja possível o acesso às ferramentas online, é necessário assegurar uma educação de qualidade para o novo internauta, de modo que ele tenha o espaço para crescer com o meio e se estabelecer como um real usuário da rede nas esferas profissional, pessoal e social.

2.4 Políticas de inclusão digital

Muitas iniciativas já foram criadas com o objetivo de levar o Brasil adiante no caminho da sociedade digital. Em 1996, o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), por meio do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, começou a cogitar a implantação do Programa Brasileiro para a Sociedade da Informação (RODRIGUES et. al, 2003). Três anos depois, foi criado o livro “Sociedade da Informação no Brasil: Livro Verde”, organizado pelo MCT, representantes da iniciativa privada e do setor acadêmico. A equipe foi coordenada por Tadao Takahashi, tido como o “pai da internet no Brasil”.

Na época, o livro já previa o que significaria a inclusão completa de um país na sociedade da informação, como pode ser notado no trecho abaixo:

A sociedade da informação não é um modismo. Representa uma profunda mudança na organização da sociedade e da economia, havendo quem a considere um **novο paradigma técnico-econômico**. É um **fenômeno global**, com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessas atividades inevitavelmente serão, em alguma medida, afetadas pela infraestrutura de informações disponível. É também acentuada sua **dimensão político-econômica**, decorrente da contribuição da infraestrutura de informações para que as regiões sejam mais ou menos atraentes em relação aos negócios e empreendimentos. Sua importância assemelha-se à de uma boa estrada de rodagem para o sucesso econômico das localidades. Tem ainda marcante **dimensão social**, em virtude do seu elevado potencial de promover a integração, ao reduzir as distâncias entre pessoas e aumentar o seu nível de informação. (TAKAHASHI, 1999, p.5, grifo do autor)

Um ponto frisado no “Livro Verde” é a relação entre inclusão digital e social. É estabelecido que os chamados “menos favorecidos” têm menos acesso a tecnologias e, portanto, menos oportunidades no mercado de trabalho. Uma vez que um programa de inclusão digital de sucesso ocasiona o domínio das principais ferramentas da informática e internet, seus resultados levariam a maior capacitação de profissionais, geração de empregos em diversas áreas e, conseqüentemente, aumento da renda e inclusão social e indivíduos antes relegados a um segundo plano neste quesito.

Outro fato lembrado no livro é que o fim da exclusão digital não depende apenas “(...) da oferta de instrumentos (computadores e *softwares*), meios (acesso à Internet e a redes) e facilidades (capacitação, treinamento, interação)” (TAKAHASHI, 1999, p.31), mas também da chamada interação humano-computador. A dificuldade em tal relação oferece um obstáculo à inclusão, uma vez que, mesmo que seja possibilitado o acesso ao indivíduo, ele encontra dificuldades na interação com a máquina, geradas por características como apresentação do texto na tela e estruturação das páginas. Sobre isso, Carvalho (2003) afirma: “O ideal seria uma interface minimalista que permitisse a operação do equipamento com a menor necessidade de habilidade ou conhecimento prévio possível. Intuitiva para qualquer pessoa. A interface ideal deve ser invisível, ou seja, passar despercebida”.

O “Livro Verde” também enfatiza a importância do *software* livre para o combate da exclusão digital. Afinal, a adesão a tal espécie de *software* representa menos gastos na implantação de políticas de inclusão digital. O maior exemplo de tal ferramenta é o *Linux*, já utilizado no Brasil no “Projeto Cidadão Conectado – Computador para Todos”, que surgiu

com a proposta de disponibilizar no mercado um computador mais barato, mas de boa qualidade, apoiando-se justamente na economia que pode ser feita adotando tais *softwares* em oposição aos pagos, dominantes no mercado.

É importante lembrar que, no caso deste projeto, uma alternativa à exclusão digital é a aquisição de computadores pessoais por famílias que vivem com, em média, três salários mínimos⁶, enquanto outras iniciativas do governo – tais como implantação de telecentros e quiosques – preveem o uso do computador e da internet em locais públicos, muitas vezes com monitores que auxiliam o usuário.

Assim, é necessária que seja estabelecida a diferença entre tais projetos. Um indivíduo que nunca teve acesso a um computador precisa de monitoramento ao acessá-lo das primeiras vezes, de modo a se familiarizar com as ferramentas. Assim, é mais benéfico que o usuário iniciante faça os primeiros acessos de um local onde ele possa receber orientação e, assim, obter o conhecimento necessário para seguir com as próprias pernas.

O “Projeto Cidadão Conectado”⁷ também carrega características interessantes. O programa convida empresas especializadas na fabricação de computadores a participarem do projeto, desde que seguidos os pré-requisitos disponibilizados no site⁸ da iniciativa. Tal oportunidade seria, de acordo com texto divulgado no site do projeto, algo que não apenas possibilitaria o acesso às tecnologias, como também permitiria que toda uma cadeia produtiva venha a ser reforçada no Brasil, inibindo a ação do mercado “cinza”⁹, que não paga impostos nem contrata mão de obra com garantias trabalhistas.

Até o momento, o projeto vem funcionando. O computador, que custa, em média R\$ 1400,00, vem ganhando espaço nas grandes redes e aumentando a concorrência no país entre diversas marcas, o que vem gerando um barateamento ainda maior do produto. Além disso, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social (BNDES) já distribuiu R\$ 35 milhões em créditos para financiamento às empresas de comércio varejista interessadas na compra de computadores dos 27 fabricantes credenciados no Banco para o programa (TEZA, 2006).

Neste cenário de renovação das políticas de inclusão, surgiram novas ações para incentivar o desenvolvimento e inclusão digital. Destacam-se aqui programas do Governo Federal, nos Ministérios: da Comunicação (MC), do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio Exterior (MDIC), da Cultura (Minc) e da Educação (MEC). Vale frisar que, apesar

⁶ Segundo o decreto nº 7655 de 23 de dezembro de 2011, o salário mínimo brasileiro de 2011 é de R\$ 622,00.

⁷ Descrição disponível em: < <http://www.iti.gov.br/index.php/noticias/indice-de-noticias/2836-decreto-assinado-pelo-presidente-lula-cria-projeto-cidadao-conectado-computador-para-todos>>. Acesso em: 5 nov. 2012.

⁸ Disponível em: <http://www.computadorparatodos.gov.br/participacao/index_html>. Acesso em: 30 out. 2012.

⁹ Denominação de mercado de que faz distribuição e venda de produtos via canais não autorizados pelo produtor.

dos programas serem de ministérios diferentes, a intenção é de que eles não fiquem isolados entre si. Ao invés disso, busca-se uma articulação entre cada uma das ações. (PORCARO, 2006, p.35)

Entre elas há o “Governo Eletrônico – Programa de atendimento ao cidadão”, o Gesac. A iniciativa do MC oferece internet via satélite ou terrestre a áreas afastadas, através da implantação de telecentros. Segundo texto divulgado no site oficial¹⁰, a prioridade do Gesac é beneficiar comunidades “(...) em estado de vulnerabilidade social, em todos os estados brasileiros, privilegiando as cidades do interior, sem telefonia fixa e de difícil acesso” (GESAC, 2002). Em 2010, o país já possuía mais de 11.500 pontos do Gesac, em cerca de 4.900 municípios¹¹.

O diferencial do projeto é sua capacidade de levar o acesso à internet a áreas isoladas, muitas vezes sem telefonia fixa, através da conexão via satélite. A iniciativa também conta com o “Projeto Formação Gesac”, com educação presencial e a distância e assistência técnica com o apoio do consórcio “Conecta Brasil Cidadão”, da Embratel (MEDEIROS NETO; MENDONÇA, 2010, p.9).

Já o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), criado pelo MEC, tem um foco maior no uso pedagógico da informática, especialmente na rede pública de ensino, nos níveis fundamental e médio. Tal programa, implantado em 1997, funciona de maneira descentralizada. Deste modo, cada estado em que o projeto foi implantado tem coordenação própria (SIGETEC, 2002). O ProInfo é dividido em “Urbano” e “Municipal”, subdivididos, por sua vez, em “Municipal e Estadual” e “Urbano e Rural”, respectivamente.

Outro projeto de inclusão digital que ganhou grande espaço na mídia foi o do chamado “notebook de cem dólares”. Criado pelo cientista americano Nicholas Negroponte, o *laptop*¹² era uma alternativa para regiões mais pobres, e seria distribuído em larga escala no planeta com o objetivo de estender o acesso ao mundo digital para milhares de estudantes. Apesar de não ter sido desenvolvido no Brasil, houve uma tentativa de implantação do projeto em escolas públicas do país.

O preço baixo do computador é alcançado através de um projeto que une *hardware* e *software* diferenciados. A bateria pode ser carregada à manivela, a memória *flash* substitui o

¹⁰ Disponível em: <<http://www.gesac.gov.br/>>. Acesso em: 30 out. 2012.

¹¹ Segundo dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tem 5.565 municípios.

¹² Os vocábulos *notebook* e *laptop* são utilizados para designar o mesmo produto, definido como um computador portátil, que pode ser utilizado com bateria ou na tomada (AMOROSO, 2009, Web).

HD¹³ e, como já era esperado, o *laptop* trabalha com *software* livre. Porém, logo surgiram os obstáculos à universalização do projeto. Segundo Rydlewski (2008), o preço do computador subiu mais do que o esperado, desencorajando o governo brasileiro a comprar o produto para as escolas públicas do país. Levando em conta os acréscimos somados por impostos e gastos com suporte técnico, o chamado “computador educacional” sairia em torno de 350 dólares, inviabilizando sua distribuição em larga escala.

É importante ressaltar que todos os programas citados se utilizam do *software* livre *Linux*¹⁴ em suas atividades, comprovando a preferência de tal *software* em programas ligados à inclusão digital. No mundo digital globalizado, tal decisão via além da economia de gastos na implantação de projetos: é a expressão da liberdade tecnológica.

[...] Para que um software seja aceitável para o Estado não basta que ele seja eficaz tecnicamente, mas precisa garantir, dentre outras coisas, o livre acesso dos cidadãos à informação pública, o que só é possível se a codificação dos dados não tiver sob posse de terceiros. O uso de formatos abertos e padronizados garante esse livre acesso. Softwares Livres permitem ainda, desenvolvimento em redes, aumentando as chances de solução de problemas mais rapidamente como a correção de *bugs* (falhas no código-fonte), maior imunidade aos ataques de vírus e combate à pirataria pela regularização de licenças. (BORGES *et al*, 2011, p.2 e 3)

O problema com projetos criados no Brasil para erradicar a exclusão digital costuma ser a falta de atenção com o que vem depois da disponibilização de um computador barato com *software* livre. A verdade é que, sem o acompanhamento e investimento necessário, a evolução para por aí. São necessários, primeiramente, profissionais treinados e capacitados para que seja feita uma aproximação do usuário com o computador. É bem verdade que o *Linux*, gratuito, tem uma popularidade menor que o *Windows*¹⁵ no mercado e, conseqüentemente, menos profissionais especializados em sua interface. Não adianta implantar tal sistema e ninguém saber usá-lo (SILVA NETO; CARVALHO, 2007, p.36). O investimento em programas de inclusão digital é contínuo, é delicado, e encontra barreiras múltiplas que vão além da infraestrutura.

2.5 Obstáculos à inclusão

¹³ *Hard Disk*, o disco rígido de um computador.

¹⁴ Termo utilizado popularmente para se referir a sistemas operacionais que usam do núcleo *Linux*, que possibilita utilização, estudo, modificação e distribuição do *software* livremente, de acordo com os termos de sua licença (CAMPOS, 2006, Web).

¹⁵ Família de sistemas operacionais criados pela *Microsoft*.

Quando foi lançado o computador educacional de cem dólares, com o posterior desenvolvimento da organização “One Laptop Per Child” (OLPC), autoridades em ensino do mundo todo se mostraram divididas em relação à eficácia da iniciativa. Em entrevista à BBC¹⁶, o ministro da Educação da Nigéria, Igwe Aja-Nwachuku, levantou uma questão polêmica: "Qual é o sentido de introduzir o ‘One Laptop per Child’ quando as crianças não têm assentos para se sentarem e aprenderem; quando elas não têm uniformes para ir para a escola, onde elas não têm estrutura?"¹⁷ (BBC, 2007). Em entrevista separada Walter Bender, da OLPC, declarou: “Nós achamos que mudanças devem ser dramáticas. É preciso ser grande, é preciso ser arrojado. E o que aconteceu é que houve um esforço para dizer ‘não corra nenhum risco – apenas faça algo pequeno, algo incremental’¹⁸” (BBC, 2007).

As discussões sobre inclusão digital, especialmente em países em desenvolvimento, são permeadas por dúvidas de tal espécie. Seria a entrada de uma determinada população na era digital uma prioridade em um país com profundos problemas sociais, políticos e econômicos? Ou seria a inclusão digital uma maneira de sanar tais problemas?

Afinal, os obstáculos da inclusão estão presentes em toda discussão sobre sociedade da informação. Não é possível estabelecer políticas de inclusão digital sem avaliar primeiro quais são as maiores dificuldades observadas em cada país ou região. Prever as barreiras que podem se formar entre a população e o mundo digital é essencial para traçar um plano adaptado e de possível sucesso. É necessário reconhecer que a exclusão digital e social caminham juntas. Portanto, o combate a elas deve considerá-las como agravantes entre si, ou seja, considerar que é preciso combatê-las com políticas que tratem de todos seus aspectos, causas e consequências em conjunto.

Para melhor avaliar a situação de cada país em relação ao desenvolvimento digital, foi criado, pelo International Data Corporation¹⁹ (IDC), o Índice da Sociedade da Informação (ISI). Tal índice permite uma análise mais profunda das condições de inclusão de cada nação no mundo digital, de modo a elencar quais são os países com as maiores dificuldades na área

¹⁶ *British Broadcasting Corporation*, emissora pública de rádio e televisão do Reino Unido.

¹⁷ “What is the sense of introducing One Laptop per Child when they don't have seats to sit down and learn; when they don't have uniforms to go to school in, where they don't have facilities?” Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/technology/7094695.stm>>. Acesso em: 25 nov. 2012. Tradução nossa.

¹⁸ “We think that change has to be dramatic. You've got to be big, you've got to be bold. And what has happened is that there has been an effort to say 'don't take any risks - just do something small, something incremental'.” Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/technology/7094695.stm>>. Acesso em: 25 nov. 2012. Tradução nossa.

¹⁹ Instituto Norte-Americano especializado na provisão de inteligência de mercado, serviços de consultoria e eventos para a tecnologia da informação, telecomunicações e mercado para consumidores de tecnologia. (texto disponível em: <<http://www.idc.com/about/about.jsp?t=1350668633593>>. Acesso em: 26 nov. 2012 Tradução nossa.)

e buscar soluções para cada situação. Em alguns aspectos, o ISI se assemelha ao IDH, permitindo que seja estabelecida uma correlação entre os dois índices (RODRIGUES *et al*, 2003, p. 90).

Em 2001, quando a internet apresentou grande expansão no Brasil, o país ocupava o 42º lugar em um *ranking* de 55 países. De modo dividir em grupos de desempenho as nações analisadas, o IDC as separou em quatro grupos, conforme descrito abaixo:

Os *skaters* são países que estão em condições de tirar maior vantagem da revolução da informação devido ao avanço em suas infraestruturas em informação, computação e Internet e às sólidas infraestruturas sociais. Os *striders* são nações que caminham de forma objetiva em direção à sociedade da informação com muitas das infraestruturas necessárias já instaladas. Os *sprinters* são nações que têm avançado em curtas explosões rumo à sociedade da informação, mas que são pressionadas a inverter suas prioridades em função das situações econômicas, sociais e políticas em que vivem. Os *strollers*, por sua vez, são nações que caminham de maneira inconsistente, geralmente devido à limitação de recursos financeiros disponíveis, levando em conta o grande número de habitantes que vivem na exclusão social²⁰. (RODRIGUES *et al*, 2003, p. 90)

A colocação do Brasil no grupo dos *sprinters* deixa claro o potencial que a nação tem para se desenvolver na área. Além disso, o país possui diversas características que o colocam em um lugar consideravelmente bom na corrida rumo à sociedade da informação tais como - recursos humanos qualificados, moderno sistema de telecomunicações, base tecnológica instalada e a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) como agência reguladora, essencial para que a qualidade da internet seja assegurada no país. (Idem, op.cit., p.91). Porém, tal desenvolvimento vem sendo atrasado, uma vez que outros problemas brasileiros, em especial a má distribuição de renda, eclipsaram tal preocupação com o assunto. Como já dito, são as barreiras sociais e econômicas do país inibindo o desenvolvimento de programas de incentivo à inclusão digital, ao invés de serem utilizadas para alavancar tal desejo de progresso.

Há também outros indicadores de mensuração na área. Um deles, focado no Brasil, é o Índice de Evolução da Sociedade da Informação no Brasil (Iesib). Tal índice, porém, é focado no período pós-implantação do Programa Brasileiro para a Sociedade da Informação, compreendendo apenas os anos de 2001 a 2004. O lado positivo do Iesib é a maior pluralidade de indicadores em comparação às iniciativas já citadas, o que permite uma análise mais profunda e detalhada da situação brasileira. Conforme dito por Araújo e Rocha (2009), as três

²⁰ Os termos *skaters*, *striders*, *sprinters* e *strollers* são metáforas baseadas nos níveis de habilidade da patinação no gelo.

dimensões retratadas pelo índice são: Formação Educacional para a Sociedade da Informação (com 6 indicadores), Disponibilização de Infraestrutura Tecnológica e Meios de Acesso à Internet (com 9 indicadores), e Dispendios Financeiros Aplicados em Desenvolvimento Científico e Tecnológico (integrada por 6 indicadores).

A verdade é que, na grande maioria dos indicadores criados para tal finalidade, nota-se que as duas modalidades de exclusão – digital e social - vem caminhando juntas no Brasil há tempos. Desde a vinda e expansão inicial da internet no país, na década de 1990, a inclusão digital vem acompanhando o mau exemplo da desigualdade na distribuição de renda no país. De acordo com Mattos e Chagas (2008), tal fenômeno não é exclusivamente brasileiro: a desigualdade vem se intensificando, tanto dentro do país quanto em relação com outras nações em situação parecida.

Ainda segundo os autores, tal característica é herdada da década de 1980, quando a economia brasileira sofreu uma significativa redução no seu ritmo de crescimento econômico. No período, a concentração de renda se intensificou de maneira perigosa: os mais desfavorecidos economicamente tiveram uma queda nos rendimentos, enquanto os mais ricos conseguiram se proteger de tal queda causada pela inflação. Na década seguinte a tendência se manteve, com um aumento no desemprego e redução de salários.

Partindo para um cenário mundial, observa-se tal tendência desde a consolidação da sociedade globalizada. A inclusão acaba por seguir, nesta conjuntura, o caminho da nova formação global, que apesar de acelerar e fortalecer a comunicação entre culturas, também impõe conceitos e condutas de maneira desigual entre diferentes povos, acentuando a disparidade entre eles (Sacristan, 2001 *apud* Balboni, 2007, p.10).

Justamente neste período que surgiram as tecnologias de informação e comunicação no país. Porém, o legado negativo dos anos anteriores dificultou o crescimento e consolidação das TIC's, uma vez que um cenário econômico desestruturado é difícil para a prática de políticas públicas de inclusão digital (MATTOS e CHAGAS, 2008, p.75).

Além da desigualdade da concentração de renda entre os segmentos mais ricos e mais pobres, também se observa uma grande diferença entre diferentes regiões do país. Tal cenário agrava a exclusão digital em regiões como Norte e Nordeste, uma vez que o baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) destas áreas acompanha as baixas taxas de inclusão digital, como pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 2 – Participação de cada estado na renda nacional e na inclusão digital – Brasil 2005

Estados da Federação	Participação do estado na renda nacional (em %)	Contribuição do estado no total de incluídos digitais do Brasil (em %)
São Paulo	31,8	31,9
Rio de Janeiro	12,2	11,0
Minas Gerais	9,3	9,5
Rio Grande do Sul	8,2	6,7
Paraná	6,4	6,9
Bahia	4,7	4,5
Santa Catarina	4,0	4,6
Pernambuco	2,7	2,9
Goiás	2,4	2,7
Distrito Federal	2,4	2,5
Espírito Santo	1,9	2,1
Pará	1,9	1,9
Ceará	1,8	2,7
Amazonas	1,8	0,8
Mato Grosso	1,5	1,3
Mato Grosso do Sul	1,2	1,3
Paraíba	0,9	1,2
Maranhão	0,9	1,2
Rio Grande do Norte	0,9	1,0
Sergipe	0,8	0,6
Alagoas	0,7	0,5
Rondônia	0,5	0,5
Piauí	0,5	0,7
Tocantins	0,3	0,4
Amapá	0,2	0,3
Acre	0,2	0,2
Roraima	0,1	0,1

Fonte: IBGE. Dados de inclusão digital: PNAD, 2005. Elaboração própria.

Dados de PIB estadual: Contas Regionais do Brasil (IBGE), 2004.

Elaboração própria.

(*) as somas das respectivas colunas podem diferir um pouco de 100 por causa de arredondamentos.

Conforme observado nos dados acima, estados como São Paulo e Rio de Janeiro, que registram os maiores IDH's, reúnem quase 42% dos “infoincluídos” do país, enquanto estados como Acre e Roraima concentram apenas 0,3%. São 19 estados (mais o Distrito Federal) com porcentagem de incluídos digitais abaixo de 3%. Coincidentemente, é o mesmo número de estados com IDH abaixo de três pontos.

Com tais estatísticas, fica bem claro o quanto a renda influi no desenvolvimento digital de cada estado, e também o quanto a má distribuição colabora para a expansão do hiato digital. Tal desigualdade vem sendo discutida há anos no mundo todo, tomando-se como exemplo a Cúpula Mundial da Sociedade da Informação (CMSI) de 2003, que já buscava diminuí-lo em especial nos países em desenvolvimento, onde ele, segundo o processo preparatório ao evento, “alimenta um lapso histórico preexistente de natureza social e econômica” (CMSI, 2003, p.3).

2.6 Voz ativa na internet

Após quase meio século de adaptação do ser humano ao mundo digital, ainda são encontradas novas formas de interação *online* que prometem estabelecer a internet como principal meio de inclusão social no mundo. Como já comentado no anteriormente, as redes sociais mudaram a maneira como os incluídos digitais de relacionam. Só que isso mudou apenas nas vidas dos incluídos digitais, relegando os excluídos, mais uma vez, a segundo plano no que diz respeito a novas formas de inserção social e exercício de direitos.

A partir do momento em que foi desenvolvido e popularizado o chamado PC (*personal computer*), nasceram também as discussões a respeito da democratização do acesso à informação (BECKER, 2009). Posteriormente, tal conceito foi chamado de **cibercidadania**. A ideia, porém, vai além da simples disponibilização de computadores e internet para a população em geral para uso. O acesso às ferramentas *online* deve ser pleno, e cada cidadão deve ter a oportunidade de se expressar no meio.

Os usuários de internet têm uma oportunidade de expressão e difusão de ideias nunca antes vista, em nenhum meio de comunicação. Eles são consumidores e produtores de conteúdo, com a oportunidade de se expressarem a respeito de qualquer assunto, de maneira positiva ou negativa. Há também o diferencial de poderem opinar através não só de texto, mas também de mídias como vídeo, áudio e *hiperlinks*.

Tal liberdade de gestão e postagem de conteúdo oferece o potencial de ser a chave para um contato mais direto e eficaz entre população e governo, criando um canal de comunicação que leva a ideia de democracia ao mundo digital. Porém, os internautas ainda não são tratados à altura do poder que possuem.

Será que chegaremos, com a Internet, à democracia de duas mãos de direção: os cidadãos envolvidos em um assunto participarão da decisão governamental e o Estado deixará transparentes, suas contas, nas telas? A intervenção de cidadãos não consegue mudar a centralização da organização da informação e a tomada de decisões. Os usuários da Web são chamados de visitantes e quem visita não dita as normas da casa, ainda menos quando se trata de uma casa tão peculiar em que há mais lixo que entra do que sai. (...) A organização em redes possibilita exercer a cidadania para além do que a modernidade esclarecida e audiovisual fomentou para os eleitores, os leitores e os espectadores. Diariamente estão sendo difundidas informações eletrônicas alternativas que transcendem os territórios nacionais e são desmentidos em milhares de webs, blogs e e-mails os argumentos falsos com que os governantes “justificam” as guerras, a tal ponto que as emissoras de rádio e televisão, que repetiam a falsidade, às vezes se veem obrigadas a reconhecer o embuste. (CANCLINI, 2008, p. 30)

E não é apenas o poder de comunicação que a internet traz, mas também a facilidade e a tendência a produções de conteúdo no sentido contra-hegemônico, ou seja, questionando as características negativas da globalização e seus efeitos anti-sociais (MORAES, 2007). Mais do que nunca, a internet é um espaço de discussões em permanente expansão, que oferece ao internauta a oportunidade de exercer sua cidadania de forma cada vez mais ativa esteja onde ele estiver.

Se a internet é um meio de difusão de conteúdo plural, o acesso a ela também deve carregar tal qualidade. Porém, como já foi discutido nos subcapítulos anteriores, ainda há um longo caminho a ser percorrido em busca da inclusão digital de toda a população. Deste modo, grande parte das pessoas ainda permanece fora da nova realidade da cidadania *online*, criando uma perigosa forma de desigualdade. Afinal, a rede deixou de ser apenas um meio de entretenimento difusão de informações para se tornar também um espaço de livre expressão. Negar tal oportunidade a alguém, no mundo atual, é uma forma de segregação.

Um exemplo da participação política na rede foi observado nas eleições deste ano. Antes das votações, foram criadas páginas no *facebook* para discutir as necessidades de diversos municípios e incitar debates, de modo que as opiniões da população chegassem aos candidatos. O interessante é que os criadores das páginas eram cidadãos comuns, ansiosos por se expressarem no meio virtual e obterem resposta. Durante a apuração dos votos, usuários da rede social, que acompanhavam o processo, postavam a evolução em seus murais, muitas vezes saindo na frente de veículos de imprensa tradicionais. Era comum ver a posição política exposta nas páginas pessoais de internautas, recebendo críticas variadas de outros.

Seria a internet uma solução para a falta de interesse da população pela política? A comodidade de se discutir pontos de vista e linhas de governo de candidatos no universo *online* acaba seduzindo eleitores que antes não mostravam interesse pelo assunto. A criação de páginas específicas para a discussão de problemas nos municípios também acaba incentivando tal participação, pois mesmo quem não se sente seguro para comentar ou criar novos tópicos tem a liberdade de se informar sobre o que está sendo feito na cidade e conhecer as opiniões dos cidadãos.

Da mesma maneira em que o público busca na internet o espaço para se expressar politicamente, o governo percebe a utilidade da rede como canal de comunicação entre governantes e população. Isso pode ser mostrado pelo desenvolvimento do Governo Eletrônico, ou e-Gov. Segundo BRITO (2006), tal sistema tem a capacidade de reunir

informações *online* para os cidadãos, portfólio de serviços oferecidos e uma linha de comunicação direta entre população e governo.

A atitude de propiciar mais informações e novos canais virtuais para os cidadãos por meio das novas TICs, sem intermediários burocratizantes ou filtros ideológicos, implica uma postura diferente das antigas práticas dos governos, acentuando o e-Gov como democrático, eficiente e com maior credibilidade. Informações oficiais e públicas com acesso irrestrito para os cidadãos são fundamentais para aperfeiçoar os processos de discussão pública e política na democracia, e para aumentar a confiança dos cidadãos em relação ao governo. (BRITO, 2006, p. 115)

No entanto, apenas criar o serviço e-Gov não é o bastante, ainda segundo Brito (2006, p.115-6):

[...] especialmente no contexto dos países em desenvolvimento, muito do potencial oferecido pelas possibilidades do e-Gov ainda está por ser construído. As barreiras de acesso democrático, da língua dominante e da capacitação ao uso da tecnologia são desafiadoras. Há ainda a necessidade de uma estratégia pública para viabilizar e popularizar a assinatura digital, requisito essencial para tornar os serviços públicos online mais amplos e confiáveis.

O descrédito em instituições políticas já existe no Brasil há tempos. Porém, a quantidade de protestos nas ruas por melhorias no país vem diminuindo ano a ano. Por outro lado, as reclamações vêm ganhando espaço na rede mundial de computadores, criando o ativismo digital ou ciberativismo. Tal espécie de mobilização tem o poder de chamar a atenção dos usuários de internet para assuntos importantes e não abordados pela grande mídia, reunindo grupos interessados em determinados temas em torno de um objetivo em comum. A mobilização pode ser feita por meio de redes sociais digitais, como o *facebook* e o *twitter* ou por páginas específicas e especializadas em ativismo *online*. Neste grupo, destacam-se sites como o “The petition site”²¹, especializado na criação de petições na internet e, no Brasil, o Portal do Consumidor²², que traz informações para consumidores de produtos como eletrodomésticos e de limpeza. A respeito do ciberativismo, Moraes (2001) afirma:

A Internet veio dinamizar esforços de intervenção dos movimentos sociais na cena pública, graças à singularidade de disponibilizar, em qualquer espaço-tempo, variadas atividades e expressões de vida, sem submetê-las a hierarquias de juízos e idiosincrasias. No ciberespaço, as ONGs credenciam-se a produzir manifestações em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estarem presas a um lugar ou tempo em particular. Nessa perspectiva, as ONGs virtuais compõem redes de

²¹Disponível em: <<http://www.thepetitionsite.com/>>. Acesso em: 1 nov. 2012.

²²Disponível em: <<http://www.portaldoconsumidor.gov.br/>>. Acesso em: 1 nov. 2012.

organismos independentes ligados por aparatos tecnológicos, com o objetivo de repartirem competências, recursos, custos e espaços. Com a migração para a Web, as entidades aderem à comunicação em tempo real, sem centros fixos de enunciação. A cada nó, incorporam-se novos usuários, os quais se convertem, potencialmente, em produtores e emissores de informações, em condições de serem consumidas a todo instante. A Internet oferece novas ferramentas de intervenção, como as campanhas virtuais (...). É uma arena complementar de mobilização e politização, somando-se a assembleias, passeatas, atos públicos e panfletos.

Além de modificar o relacionamento do cidadão com o governo, a internet modifica as relações interpessoais. A facilidade com que pessoas se reencontram e conversam *online*, independentemente de restrições de espaço e tempo, caracteriza novos caminhos para a comunicação. Tudo tem o potencial de ser instantâneo, de rápida resposta, adquirindo e incorporando a identidade da vida moderna. Quem não tem a oportunidade de se inserir no universo digital permanece utilizando meios de comunicação mais tradicionais, restringindo as possibilidades de interatividade que poderiam ser aproveitadas pelo uso da internet. E o maior problema é que a diferença nas oportunidades de comunicação cria uma desigualdade entre incluídos e não incluídos que joga o segundo grupo em um limbo de exclusão tecnológica, sem que as inovações da vida moderna alcancem indivíduos que poderiam se beneficiar pessoal e profissionalmente por tais mudanças.

Capítulo 3 – Melhor idade na rede

Já foi o tempo em que nossos avôs e avós seguiam o cotidiano de se aconchegar na cadeira de balanço, com seus óculos na ponta do nariz e seu tricô ou jornal, encontrando dificuldades para usar qualquer tecnologia que transcendesse a televisão. Seja em qual for a faixa de idade: estereótipos do tipo apresentam perigo para a evolução da sociedade da informação e para a inclusão digital completa e irrestrita.

Mesmo estabelecendo um relacionamento diferente com tecnologias, os integrantes da “melhor idade” presentes na internet, em especial em redes sociais, vem crescendo ano a ano. A medida que os jovens se dão conta da capacidade que os mais velhos tem de também utilizar as ferramentas do meio digital, aumentam e se fortalecem iniciativas de inclusão digital de tal faixa etária e, por consequência, aumenta a participação de idosos no universo *on-line*.

Um grande exemplo disso são as UNATI's (Universidades Abertas à Terceira Idade) que oferecem, dentre outras atividades, cursos para o aprendizado de informática e internet. Os alunos, uma vez inseridos nesse novo mundo, tem sua curiosidade despertada e aprendem, com o tempo, a caminharem rumo à inclusão plena, ultrapassando as barreiras de linguagem, do preconceito e do tempo.

3.1 Imigrantes Digitais X Nativos Digitais

Quando o assunto é tecnologia, a tendência é cultuar o que é novo. A nova máquina, o novo *software*, o novo *website*, o novo usuário. Tem-se a impressão de que o mundo contemporâneo foi feito para os jovens²³, um grupo cuja rapidez de ação e pensamento difere a geração “Y”²⁴ de qualquer outra que já viveu. Claro que a cada época há uma mudança na maneira de pensar e agir da juventude, ocasionadas pelo contexto histórico, pressões sociais e um leque variado de transformações culturais e políticas que modificam a maneira do jovem olhar o mundo. Mas os avanços tecnológicos que permearam a vida dos jovens de hoje causaram diferenças mais profundas.

²³ Para a Organização das Nações Unidas (ONU), jovens são aqueles com idade entre 15 e 24 anos.

²⁴ Também chamada de “geração do milênio” e “geração da internet”, designa os nascidos entre 1980 e meados da década de 1990. (LOIOLA, 2009, Web)

A escola já não ocupa mais a posição de única fonte de aprendizado. As informações e lições – sejam elas positivas ou não – estão na internet, com acesso livre aos internautas. O usuário de internet em tal faixa de idade busca sintonia total com o mundo *online*, através de redes sociais, *blogs*, *sites*, vídeos e mais dezenas de maneiras de se interagir na rede. O jovem do século XXI é acostumado ao *multitasking*²⁵ e à dinamicidade do mundo que o cerca, cobrando, assim, tal característica em todos os elementos de sua vida.

É impossível ignorar a mudança drástica que a internet desencadeou na vida das pessoas. Quem já estava na fase adulta quando o *boom* do meio ocorreu sentiu tais mudanças na pele e teve de buscar uma adaptação ao novo mundo. Para os jovens, nascidos na era digital, houve pouca dificuldade. A internet e suas ferramentas eram a realidade, o mundo em que viviam. Já para quem cresceu convivendo com meios de comunicação que, apesar de inovadores, não se aproximam da interatividade e pluralidade da internet, a adaptação e a relação com o “multimeio” foi bem diferente. Deste modo, faz-se necessário separar e explanar os dois grupos que já tiveram contato com o mundo digital: os que nasceram em tal época e os que nasceram antes de toda essa transformação acontecer.

Para explicar tal diferença, nasceu a terminologia “Nativos Digitais” e “Imigrantes digitais”, estabelecida por Prensky (2001). Segundo o autor, alguns indivíduos que entraram em contato com as tecnologias tardiamente carregavam um “sotaque”, um sinal de que não haviam crescido dentro do contexto de tais tecnologias. Deste modo, o autor considera o aprendizado do mundo digital como o de uma nova linguagem: se a pessoa nasce no país em que ela é falada e convive com falantes no cotidiano, sua familiaridade com a linguagem será bem maior do que um indivíduo que tenta aprendê-la em outro contexto.

Prensky também cita os sinais e características que um imigrante digital apresenta. São ações como imprimir um e-mail para lê-lo, ligar para alguém para perguntar se o e-mail chegou, chamar alguém para ver um *website* no computador ao invés de apenas mandar o *link* exemplificam o “sotaque” dos não-nativos. Outro aspecto que chama atenção no grupo é a falta de confiança na internet como meio principal de comunicação. Assim, observa-se que tais imigrantes dificilmente iriam, por exemplo, confiar apenas em uma conversa on-line para marcar uma reunião ou encontro: achariam mais seguro recorrer a outro meio de comunicação, como o telefone.

Deste modo, os nativos e imigrantes digitais mostram grande diferença no comportamento na rede. Da mesma maneira que se falou de *digital divide* no capítulo 2, é

²⁵ A habilidade de executar mais de uma tarefa ao mesmo tempo.

necessário discutir agora o *Immigrant/Native divide*, ou seja, o abismo entre o grupo dos nascidos no meio tecnológico atual e os que chegaram mais tarde nesta realidade. (PRENSKY, 2001).

A aceitação de tal diferença exige, primeiramente, uma mudança de abordagem e comportamento no ensino.

Unfortunately for our Digital Immigrant teachers, the people sitting in their classes grew up on the “twitch speed” of video games and MTV. They are used to the instantaneity of hypertext, downloaded music, phones in their pockets, a library on their laptops, beamed messages and instant messaging. They’ve been networked most or all of their lives. They have little patience for lectures, step-by-step logic, and “tell-test” instruction. Digital Immigrant teachers assume that learners are the same as they have always been, and that the same methods that worked for the teachers when they were students will work for their students now. But that assumption is no longer valid. Today’s learners are different. (...) Is it that Digital Natives can’t pay attention, or that they choose not to? Often from the Natives’ point of view their Digital Immigrant instructors make their education not worth paying attention to compared with everything else they experience – and then they blame them for not paying attention!²⁶ (PRENSKY, 2001, p.4)

A mudança na educação é necessária para que seja criada uma cultura de convivência pacífica entre os dois grupos. Ao invés de duas gerações brigando para decidir qual deve ser o melhor método, duas gerações que trabalhem juntas para encontrar o melhor método de ensinar com a ajuda das novas tecnologias. Afinal, a internet não é usada apenas para o lazer dos alunos, como muitos imigrantes digitais afirmam: ela é multifacetada e cheia de possibilidades.

Prensky também alega que se vive um grande problema na educação atual, pois professores estão falando uma linguagem ultrapassada e diferente dos alunos, que não acompanham as mudanças constantes. Isso também invade o universo da inclusão digital. Observa-se que o comportamento de faixas etárias diferentes²⁷ varia em relação à absorção de novos conteúdos de informática e internet.

²⁶ “Infelizmente para nossos professores imigrantes digitais, as pessoas sentadas em suas classes cresceram no “ritmo frenético” dos videogames e MTV. Elas estão acostumadas à instantaneidade do hipertexto, música baixada, celulares em seus bolsos, uma biblioteca em seus *laptops*, transmissão de mensagens e mensagens instantâneas. Elas tem pouca paciência para aulas, lógica passo-a-passo, e instruções que “ditam o que fazer”. Professores imigrantes digitais pensam que os alunos são os mesmos de sempre, e que os mesmo métodos que funcionaram pra os professores quando eles eram estudantes vão funcionar para seus estudantes agora. Mas essa afirmação não é mais válida. Os alunos de hoje são diferentes (...) Os nativos digitais não conseguem prestar atenção ou eles escolhem isso? Muitas vezes, do ponto de vista dos nativos, seus instrutores imigrantes digitais fazem com que não valha a pena prestar atenção na educação dada comparando-a com tudo mais que eles vivenciam – e eles os culpam por não prestarem atenção!” (tradução nossa)

²⁷ Os chamados “nativos digitais” são os indivíduos nascidos no momento do *boom* da internet, desde o início da década de 90.

É bem verdade que o cérebro não é imutável. Ele sofre mudanças a partir de estímulos exteriores, e pode ser reorganizado tanto na infância quanto na vida adulta (PRENSKY, 2001). Tal fenômeno é denominado neuroplasticidade. Deste modo, à medida que um cérebro é treinado constantemente para absorver novas informações ele será, de certo modo, modificado e adequado para determinadas atividades. Assim, a maneira de pensar dos jovens nativos digitais se mostra diferente das gerações passadas (PRENSKY, 2001).

Isso justifica o foco de atenção limitado de várias crianças nas salas de aula, mas um foco elevado em, por exemplo, *videogames*. O modo de pensar desta geração é diferente, o que exige que o ensino para tais jovens também seja diferente. Como? Com a interatividade, dinamicidade, rapidez e fluidez que a internet pode oferecer.

Neste contexto, como ficam os imigrantes digitais? As dificuldades de adaptação de tal grupo são consideravelmente maiores e exigem um cuidado especial. Afinal, a maioria destes imigrantes teve contato tardio com tecnologias e ainda não conseguiu superar os obstáculos do primeiro contato com o mundo digital atual. Porém, como já foi falado, o cérebro está em constante mutação. A mente jovem tem mais capacidade de absorver tais mudanças, uma vez que está ainda na fase de formação. Porém, o cérebro é capaz de aceitar novas informações seja qual for a idade do indivíduo.

O problema está na base do sistema de aprendizado dos grupos distintos. Segundo o neurocientista Gary Small, em entrevista à revista *Veja*²⁸, o imigrante digital está mais acostumado a aprender novas teorias e a executar tarefas passo a passo, apenas partindo para o próximo tópico após concluir o primeiro. Além disso, tendem a executar trabalhos de forma mais metódica e precisa. Em relação ao trato social, Small (2009) afirma que os “imigrantes” possuem habilidades mais apuradas neste tópico, apresentando, então, maior dificuldade de absorver e utilizar novas tecnologias e a comunicação via internet. Os nativos digitais, não. Eles se acostumaram desde cedo a executar várias tarefas ao mesmo tempo, costume fortalecido pelo uso de internet.

3.2 Idosos e tecnologias

Segundo Neri (2007a), a fase da vida humana que causa mais ambiguidade de opiniões é a velhice, uma vez que os sentimentos dos jovens e adultos em relação a indivíduos em tal

²⁸ Edição 2125 de 12 de agosto de 2009, por Lia Luz. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/120809/internet-transforma-cerebro-p-96.shtml>>. Acesso em: 29 out. 2012.

faixa etária variam entre aceitação e rejeição, valorização e negação, respeito e desvalorização. Ao mesmo tempo em que os idosos são cultuados como mestres, e as crianças são acostumadas à lição de “respeitar os mais velhos”, a terceira idade permanece relegada a segundo plano, uma vez que os mais novos cultivam a ideia de que o tempo de tais indivíduos já passou.

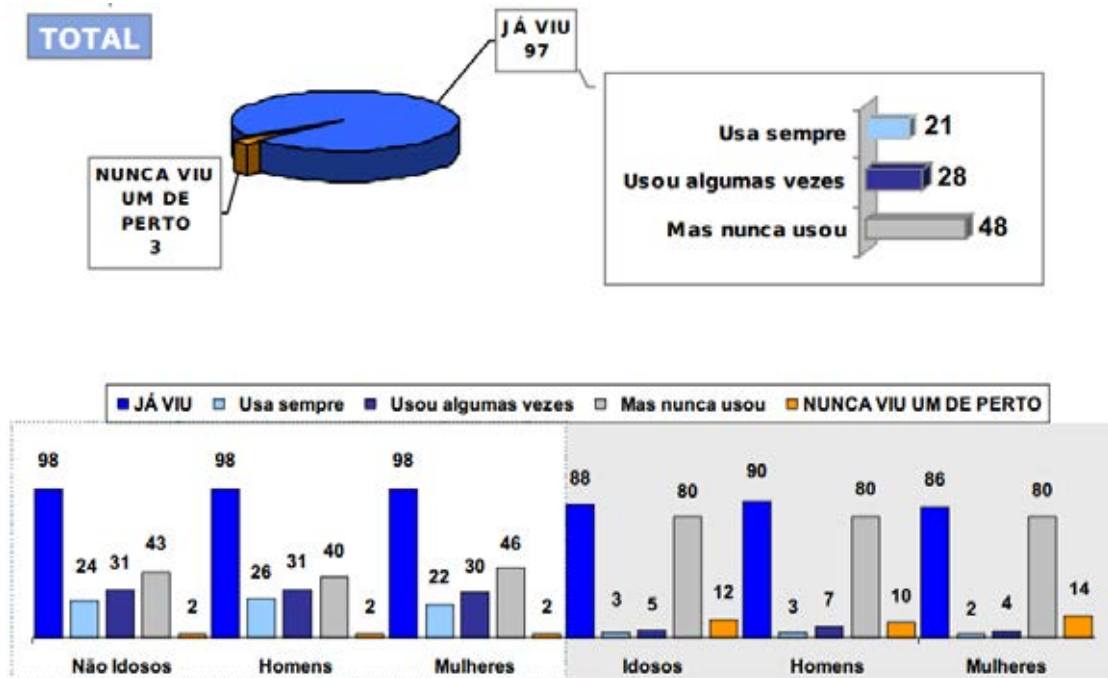
Porém, enquanto a lei brasileira considera idoso o indivíduo acima de 60 anos²⁹, o sentimento da maioria dos integrantes da chamada “melhor idade” é diferente. Segundo dados da pesquisa Idosos no Brasil – Vivências, desafios e expectativas, 52% das mulheres e 55% dos homens idosos disseram não se sentirem velhos. E o sentimento não fica apenas entre tal grupo restrito. De acordo com jovens de 16 a 24 anos, a média para a idade do início da velhice é de 66 anos e três meses. Já para adultos entre 25 e 29 anos é de 68 anos e 11 meses e para idosos de 60 anos ou mais apenas com 70 anos e sete meses que uma pessoa poderia ser considerada parte da terceira idade.

Ainda segundo Neri (2007a), a existência de uma velhice saudável no país é comprovada pelas estatísticas citadas e por dados ligados aos planos que tais indivíduos traçam para o futuro. Ao falar de suas metas e sonhos, os idosos buscam mais a valorização da saúde, da família e da felicidade, enquanto os não idosos buscam o investimento na própria educação e na educação de seus filhos. Portanto, os idosos objetivam promover um senso de realização pessoal, provando de uma vez por todas que a velhice não pode mais ser considerada um “fim de linha”, mas sim um recomeço.

A partir de tal busca de novas atividades cresce o interesse do idoso por aprender a mexer com novas tecnologias. Por observar indivíduos mais jovens – em geral filhos e netos – interagirem com computadores pessoais e exaltarem seus benefícios, muitas vezes incentivando o uso destes, o idoso busca estabelecer os primeiros contatos com a máquina. Tal tendência vem crescendo, e agora são poucos os indivíduos da terceira idade que nunca viram um computador de perto. Porém, a porcentagem que indica uso constante do computador ainda é baixíssima se comparada com não idosos, como pode ser observado no gráfico abaixo:

²⁹ De acordo com o Artigo 1º do Estatuto do Idoso, ele é “destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.” (BRASIL, 2003).

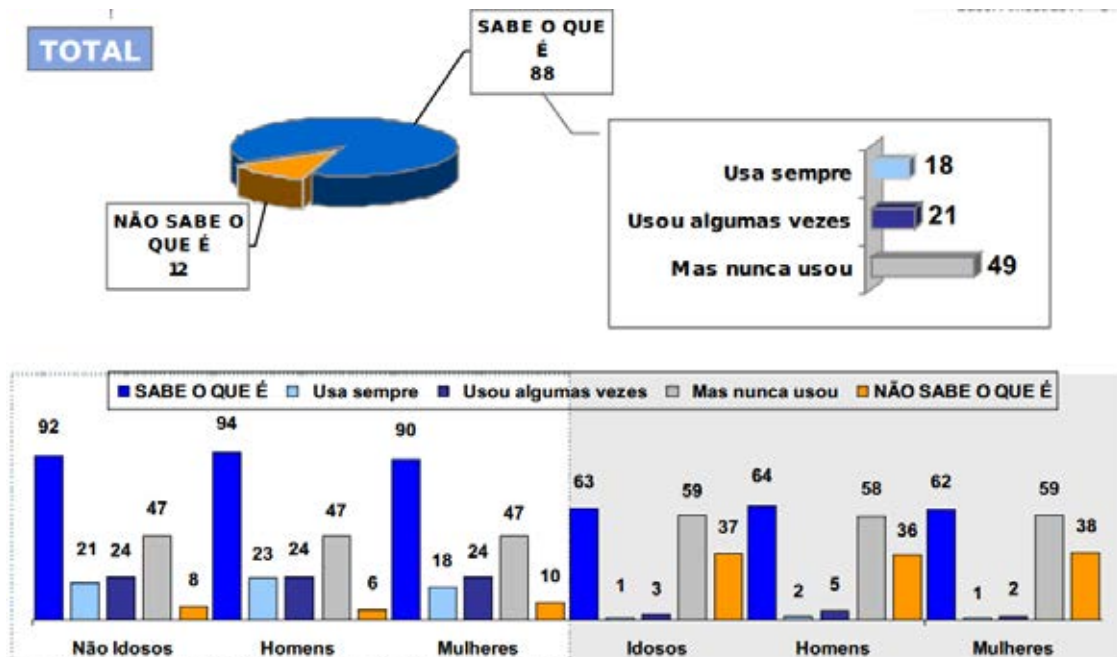
Gráfico 2 – Contato com e uso de computador (estimulada e única, em %)



Fonte: Pesquisa “Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade” – Fundação Perseu Abramo, SESC Nacional e SESC São Paulo

A mesma tendência é seguida e observada ao analisar o contato de tal faixa de idade com a internet. Porém, nesse caso, observa-se que um grupo maior de idosos declarou desconhecer completamente o meio, e apenas 1% do grupo analisado declarou usar a internet com frequência.

Gráfico 3 – Contato com e uso de Internet (estimulada e única, em %)



Fonte: Pesquisa “Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade” – Fundação Perseu Abramo, SESC Nacional e SESC São Paulo

Observando os dois gráficos, percebe-se que ainda existe um longo caminho a ser percorrido para a inclusão digital plena na terceira idade. As barreiras encontradas vão além do oferecimento de acesso a computadores e internet: tais indivíduos carregam um receio em relação a tais ferramentas do mundo digital. A resistência a novas tecnologias é uma tendência do ser humano que vem desde a Revolução Industrial, quando operários de fábricas se opunham às mudanças causadas pelas máquinas nas fábricas onde trabalhavam (GARCIA, 2001).

Enquanto os jovens crescem em contato com novas tecnologias e se mostram ansiosos e curiosos para aprendê-las e usá-las no dia-a-dia, a postura da terceira idade é mais contida. Os idosos apresentam certo medo de usar o computador, o que acaba gerando uma resistência que tende a diminuir a rapidez na absorção do aprendizado. Eles receiam que o computador pare de funcionar ou seja danificado dependendo do manuseio da máquina. A preocupação também invade o contexto da internet, uma vez que há o medo de que o uso de alguma rede social, ou o acesso a algum site novo comprometa a segurança dos dados do usuário e do computador, ocasionada, por exemplo, por vírus.

Tal medo é fortalecido porque o novo aluno não tem ainda o conhecimento necessário para resolver possíveis problemas que inevitavelmente aparecem durante o aprendizado. Devido a isso, é necessário o acompanhamento e orientação de um monitor que saiba lidar com as dificuldades de indivíduos nesta faixa etária. Acompanhando a evolução do idoso de perto, é possível ajudá-lo a vencer esta barreira de insegurança e contribuir com a absorção de novos conteúdos (GARCIA, 2001).

3.3 O Cenário da Terceira Idade no Brasil

Mesmo com a mudança na mentalidade de jovens e adultos – e dos próprios idosos – em relação à terceira idade, nossa sociedade, em especial a ocidental, ainda carrega alguns preconceitos em relação a tal faixa etária. Essa relutância pode ser observada através da análise do “Estatuto do Idoso”. Ao mesmo tempo em que no artigo 27 do Estatuto é vedada a discriminação por idade, é notória a rejeição de tais indivíduos no mercado de trabalho (NERI, 2007a).

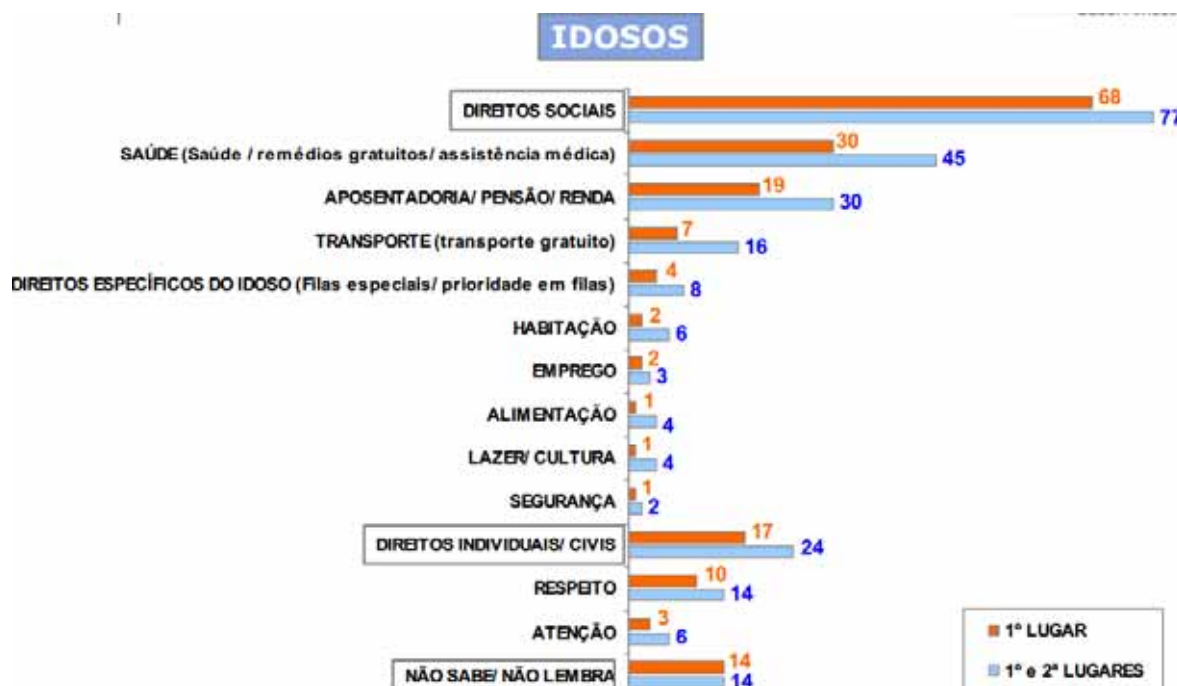
O idoso aposentado também sofre preconceitos baseados no velho mote de produção da sociedade capitalista: o indivíduo não produz e não lucra, então não tem participação

válida na sociedade. Ele sofre um processo de marginalização social, e corre o risco de ficar alheio ao resto do mundo. Apesar de tal processo de exclusão ainda persistir, o idoso vem encontrando seu espaço na sociedade, buscando novas atividades que contribuam para seu crescimento em todas as esferas. Tal desejo cresce em idosos de diversas classes sociais, com diversos níveis de escolaridade. O que muda, neste contexto, é o acesso às tecnologias de informação e comunicação – como já observado no capítulo 2.

É necessário frisar quais são os direitos garantidos pelo Estatuto do Idoso, sancionado em outubro de 2003. Seus artigos mencionam e esclarecem condições e providências para garantir a manutenção da saúde, transporte, dignidade, respeito, alimentação, renda, educação, cultura, esporte, lazer, trabalho, previdência social, habitação e proteção, entre outros direitos do idoso. O direito à inclusão digital encontra-se citado no Capítulo V (Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer), artigo 21, parágrafo 1º: “Os cursos especiais para idoso incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna” (BRASIL, 2003). Mais a frente, no artigo 25, é incentivada a criação de UNATI’s no trecho: “O Poder Público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual”.

Mesmo com tal estatuto, parte de um arcabouço legal elaborado que o Brasil vem construindo em relação ao assunto com o passar dos anos, muitos idosos não tem consciência de seus direitos. Com isso, é bem mais difícil para esta faixa da população cobrar providências dos órgãos públicos. A tendência é de que os idosos conheçam apenas os pontos mais “populares” do estatuto, como descrito no gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Direitos assegurados pelo Estatuto do Idoso (1º lugar e soma das menções / espontânea, em %)



Fonte: Pesquisa “Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade” – Fundação Perseu Abramo, SESC Nacional e SESC São Paulo

Deste modo, são estabelecidos para a terceira idade não apenas direitos essenciais para a vida, mas também para a manutenção de sua qualidade. Leis voltadas para tal faixa de idade vêm sendo elaboradas e revisadas no Brasil e no mundo, devido ao fenômeno do envelhecimento da população, observado desde o final do século XX. Segundo Camarano (2002), vem ocorrendo um crescimento na população de indivíduos de tal grupo em relação a outras faixas de idade. Observa-se uma queda nas taxas de natalidade³⁰ e de fecundidade³¹, enquanto a taxa de mortalidade³² vem caindo também devido aos avanços na área da saúde. Deste modo, o número de crianças e jovens diminui e o de idosos aumenta, uma vez que a população vive mais, ou seja, aumenta a taxa de longevidade³³.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 4,7% da população tinha mais de 60 anos em 1960. Já em 2000, tal número já havia chegado aos 8,5% e, em 2010, foram alcançados surpreendentes 10,8% de idosos em relação à população total do país. Isso significa que há mais de 20,5 milhões de idosos vivendo no Brasil. Tal

³⁰ A taxa de natalidade representa o número de crianças que nasce anualmente a cada mil habitantes em uma determinada área. (nota da autora)

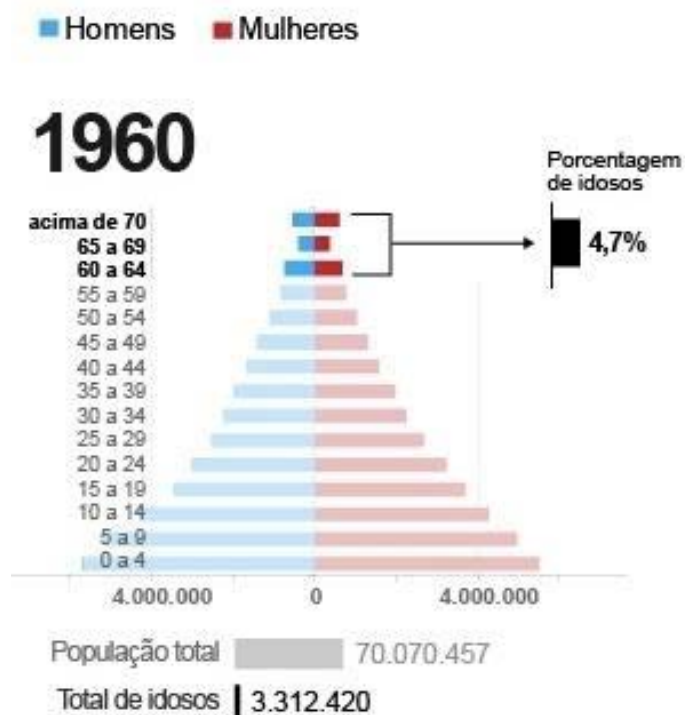
³¹ A taxa de fecundidade traz uma estimativa de quantos filhos uma mulher teria até o fim de seu período reprodutivo, caracterizado pelo período entre 15 e 49 anos. (nota da autora)

³² A taxa de mortalidade indica o número de óbitos a cada mil habitantes em uma dada área. (nota da autora)

³³ A taxa de longevidade, também denominada “expectativa de vida ao nascer” ou “esperança de vida à nascença” é calculada pelo número médio de anos que um grupo de pessoas nascidas no mesmo ano pode esperar viver. (nota da autora)

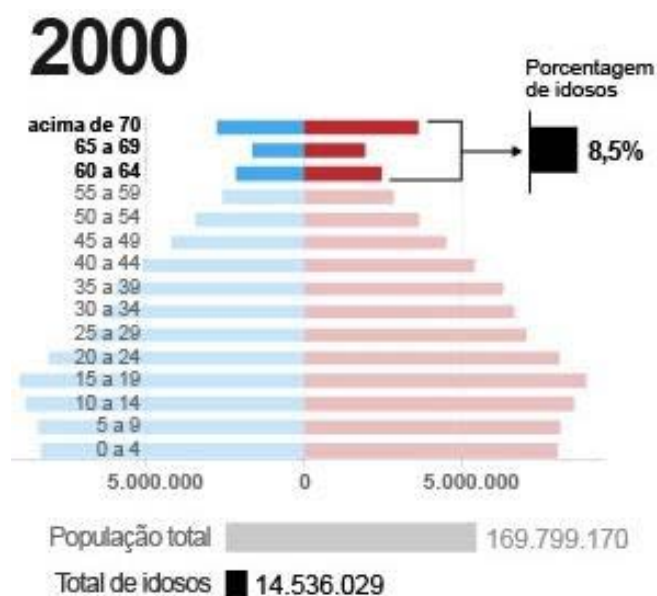
crescimento pode ser mais bem observado com a visualização das pirâmides etárias de 1960 e de 2000, como pode ser visto a seguir:

Gráfico 5 – Pirâmide etária de 1960 (baseada no Censo Demográfico/IBGE de 1960)



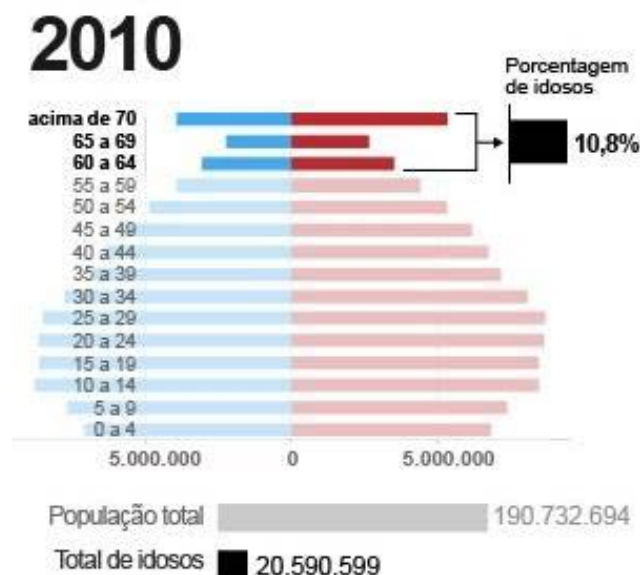
Fonte: G1 (dados: IBGE)

Gráfico 6 – Pirâmide etária de 2000 (baseada no Censo Demográfico/IBGE de 2000)



Fonte: G1 (dados: IBGE)

Gráfico 7 – Pirâmide etária de 2012 (baseada no Censo Demográfico/IBGE de 2010)



Fonte: G1 (dados: IBGE)

Ao comparar as três pirâmides, pode-se observar um estreitamento na base com o passar dos anos, indicando uma diminuição na população infantil. Enquanto isso, o topo da pirâmide se alarga, indicando um aumento na população de idosos, em especial de indivíduos acima dos 70 anos. Isso não só comprova um aumento de integrantes da terceira idade no país como também mostra que “a proporção da população ‘mais idosa’, ou seja, a de 80 anos e mais, também está aumentando, alterando a composição etária dentro do próprio grupo, isto é, a população considerada idosa também está envelhecendo” (CAMARANO apud CAMARANO et al, 1997, p.1).

Outro fenômeno observado é a “feminização da velhice”. Como pode ser notado nos gráficos 3, 4 e 5, há maior número de mulheres idosas do que de homens. Tal fato é ocasionado pela maior longevidade das mulheres em relação aos homens e pela maior presença de mulheres na população idosa, além de que o aumento no número de idosas que integram a população economicamente ativa e são chefes de família também contribuir para o fenômeno da “feminização” (CAMARANO, KANSO e LEITÃO E MELLO, 2004). Tais dados serão refletidos na análise do público das Universidades da Terceira Idade, feita no tópico seguinte.

Considerando tais dados e a tendência de a quantidade de idosos no Brasil tende a aumentar cada vez mais, se faz indispensável pensar políticas públicas de qualidade para

atender com qualidade tal estrato da população. Segundo Siqueira (2007, p.209), “(...) ser ativo e participativo após os 60 anos, de acordo com as próprias limitações e potencialidades, não pode ser considerado como um privilégio conquistado pelo indivíduo, mas um direito que o Estado deve garantir a seus cidadãos. A sociedade tem o dever de promover um ambiente no qual seus idosos possam desfrutar direitos e oportunidades, após uma vida dedicada à construção dessa sociedade”.

3.4 As Universidades Abertas à Terceira Idade

O envelhecimento da população leva a diversas transformações. Se o avanço da ciência e da tecnologia tem potencial para elevar a longevidade do ser humano para 120 anos, é necessária também maior preocupação com esse segmento da população (VERAS; CALDAS, 2004). Mais idosos significa necessidade de mais preocupação com políticas públicas voltadas especificamente para a terceira idade, o que vem acontecendo desde a década de 1980 no Brasil, mas a passos lentos.

Segundo Veras e Caldas (2004), iniciativas para melhoria da qualidade de vida na terceira idade vêm sendo criadas em países desenvolvidos desde meados do século XX. Isso se deve ao fato de que o envelhecimento da população já é um processo mais antigo em tais países e, portanto, as políticas públicas voltadas para os idosos já estão consolidadas. A primeira Universidade da Terceira Idade, por exemplo, foi criada na França no final da década de 1960, com o oferecimento de atividades culturais. A primeira UTI³⁴ com os ditames hoje conhecidos em relação a instituições de ensino da área foi criada em Toulouse, na França, em 1972, sendo considerado curso de extensão universitária e de atualização cultural em uma visão de educação continuada (GOMES; LOURES; ALENCAR, 2004).

Já no Brasil, de acordo com Lima (1999), a primeira UNATI do Brasil foi a da Universidade Federal de Santa Catarina, aberta em 1983. O embrião de tal projeto, porém, foi a Escola Aberta da Terceira Idade, criada por técnicos do SESC São Paulo em 1977 (NUNES, 2000). Em 1990, foi criada a Universidade da Terceira Idade da PUC/Campinas e, a partir daí, projetos deste tipo se expandiram para todo o país, embalados pelas diretrizes do Plano Internacional de Ação sobre Envelhecimento das Nações Unidas.

³⁴ Não há consenso em como denominar as universidades voltadas para tal público. Podem ser denominadas UTI (Universidade da Terceira Idade) ou UNATI/UATI/UnATI/Unati (Universidade Aberta à Terceira Idade ou Universidade Aberta da Terceira Idade).

As UNATIs têm por objetivo promover a integração social do idoso por meio de atividades que variam entre as várias unidades existentes no país. Elas podem oferecer esportes adaptados, aulas de artesanato, idiomas, dança, música, artes plásticas, entre outras atividades. Algumas destas universidades, como, por exemplo, a da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), oferece também cursos de conscientização sobre alimentação e nutrição, namoro com saúde, práticas de administração e otimização do cotidiano para idosos e noções de psicologia e jornalismo. É importante frisar que as UNATI's estão em constante mudança e, por não seguirem um modelo fixo e engessado, dependem muito da resposta de seus alunos para continuarem evoluindo e oferecendo programas que interessem e a população e atraiam um público cada vez maior e mais diversificado.

As Universidades da Terceira Idade, apesar de flexíveis em relação à organização, são divididas em modelos de organização influenciados pela situação de cada país, necessidades em relação aos idosos e momentos de implantação. Segundo Pacheco (2003) e Federici (2006), há dois tipos principais:

- Modelo francês: Foca no atendimento de idosos, porém sem excluir outras faixas etárias interessadas na educação continuada. É encontrado também em países como Itália, Portugal e Bélgica. As aulas são ministradas por professores universitários e proporciona acesso livre a diferentes cursos universitários, em especial nas áreas de ciências humanas e artes.
- Modelo inglês: Baseia-se na auto-ajuda e incentiva um espaço de troca entre os mais velhos e mais jovens no ambiente universitário. Assim, participantes do programa podem atuar como professores também, com mais liberdades e menos restrições de horário e currículos. É encontrado na Grã-Bretanha e nas Repúblicas da Irlanda e Tcheca. Seus programas são flexíveis e objetivam criar um espírito de independência nos indivíduos.

A partir destes dois modelos principais, foram desenvolvidos mais três modelos, adaptados ao contexto de diferentes países. Ainda de acordo com Pacheco (2003) e Federici (2006), são os seguintes:

- Modelo canadense: é uma mistura do modelo inglês com o francês, pois apesar de contar com professores universitários nas aulas, seminários, discussões, *workshops* etc, deixam a cargo do aluno a escolha de professores e planejamento do programa.
- Modelo chinês: é bem diverso, abrangendo desde educação básica até formação artística avançada. Valoriza-se a cidadania e a harmonia corporal, através da defesa da educação continuada como a melhor forma de auxiliar os idosos. No fim do curso há um exame e o recebimento de um diploma de conclusão.

- Modelo sul-americano: se assemelha ao modelo francês, buscando a recuperação dos valores moral, social e econômico do idoso e na promoção da saúde física. Também incentiva a educação e a reinserção do indivíduo no mercado de trabalho. Tal modelo se iniciou no Uruguai em 1983, espalhando-se pelos países vizinhos.

O modelo brasileiro também segue o francês, pois foca na educação permanente e considera o espaço das UNATIs um espaço de relacionamento, educação e atualização dos alunos, por meio de cursos regulares ou estruturados e adaptados conforme o desejo dos alunos (PACHECO, 2003). Ainda sobre o conceito de educação permanente, Netto (2001) afirma:

O conjunto de todas essas atividades dá sequência a uma proposta de educação permanente, isto é, trata-se de um processo duplo de aperfeiçoamento integral e sem solução de continuidade dos seres humanos, desde o seu nascimento até o fim de seus dias e se traduz tanto pela experiência individual quanto social, de aprofundamento de conhecimentos, sejam informais (extraídos de suas próprias vivências) ou formais (obtidos por meio de sua participação tanto num sistema educacional organizado em diferentes níveis de complexidade, como no sistema independente da universidade aberta).

E completa, em relação à proposta das UNATIs:

Dessa forma, os cursos da Universidade Aberta dizem respeito a uma proposta pedagógica que procura trabalhar e desenvolver esse conceito de educação permanente, voltando-se para a atualização, valores e atitudes das pessoas maduras, tanto no que diz respeito às suas atividades sociais, culturais e políticas individuais como coletivas, incentivando o exercício da cidadania.

3.5 A Universidade Aberta à Terceira Idade da UNESP/Bauru

A Unati³⁵ da UNESP foi criada em 2001. Vinculada à Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PROEX), é resultado de um trabalho coletivo de todas as unidades da UNESP. O embrião do programa foi o Projeto Sênior, implantado em 1993, que possuía o objetivo de:

[...] possibilitar às pessoas que estão envelhecendo acesso à Universidade Pública na execução de sua função social usufruindo o espaço educacional e cultural para a ampliação de conhecimentos, além de possibilitar a educação continuada, proporcionando a convivência social e a troca de experiências de vida entre os participantes das UNATIs, os alunos de Graduação e de Pós-

³⁵ Nesta Universidade Aberta à Terceira Idade, a grafia padrão é em caixa baixa.

Graduação, os docentes e os técnico-administrativos da UNESP (UNESP, 2001, Web).³⁶

Na UNESP, campus de bauru, a Unati tem como projeto principal o “Terceira Idade Digital” (TID). O programa tem como objetivos a “inclusão de idosos nas práticas digitais (programas de computador e ferramentas de internet); estímulo à participação ativa nos assuntos da atualidade; gestão do conhecimento; contribuir para o conhecimento das realidades sociais” (GIRASOL; MELLO; SANTOS, 2012).

Para atingir suas metas, o projeto conta com bolsistas e voluntários que acompanham de perto a evolução das alunas³⁷. Um dos grandes diferenciais do projeto é que cada monitor é responsável por uma ou duas alunas, podendo, assim, ajudar nas dificuldades de cada idosa. Isso é essencial para que a estudante se sinta confortável para fazer perguntas e tirar dúvidas sobre cada tópico aprendido, o que permite uma evolução mais rápida do aluno. À medida que a monitora conversa com a aluna, vai se formando um laço de companheirismo que deixa a idosa mais segura e disposta a aprender mais.

Esta proximidade com as orientadoras não só melhora o aprendizado, mas as habilidades sociais das alunas. Sabe-se hoje que as universidades da terceira idade também são um espaço de formação de laços e relações sociais, que melhoram muito a qualidade de vida dos indivíduos de idade mais avançada. A visão das monitoras como amigas, ou como pessoas que inspiram confiança é fundamental no aprendizado, e possibilita à equipe da Unati uma percepção maior e mais precisa dos resultados obtidos pela classe.

A Universidade Aberta à Terceira Idade é caracterizada como projeto de extensão, contando com alunos para seu funcionamento e oferecendo a estes uma oportunidade de adquirir experiência profissional fora do contexto da sala de aula. O projeto também conta com a supervisão de professores, de modo a acompanhar o trabalho dos alunos e oferecer orientação para melhorias. Vale ressaltar que existem 15 UNATIs distribuídas pelos 23 campi da UNESP (UNESP, 2001, Web).

Outro diferencial da Unati da UNESP/Bauru é a turma reduzida. Isso permite que as alunas conversem entre si e troquem experiências e resultados. Afinal, o aprendizado de ferramentas de informática e internet é constante e vem de todas as direções, e grandes melhoras podem ser alcançadas pela troca de informações, que enriquecem o aprendizado e incentivam a pesquisa independente do aluno, sem precisar da ajuda de um orientador.

³⁶ Disponível em: <http://www.unesp.br/proex/programas/pisc_unati.php>. Acesso em: 2 nov. 2012.

³⁷ Apesar do projeto não ser oferecido exclusivamente para mulheres, todas as integrantes do TID são do sexo feminino, bem como as monitoras/orientadoras.

É necessário frisar também que, nas aulas do TID, cada aluna usa um computador, de modo a não perder o foco de atenção na aula e evoluir no seu próprio ritmo. Alunas que possuem computadores portáteis podem levá-los para a sala de aula, de modo a se familiarizar com os comandos da própria máquina e tirar suas dúvidas, para um melhor uso das ferramentas do *notebook* fora do âmbito da sala de aula.

Apesar de este projeto ser voltado para a terceira idade, ou seja, maiores de 60 anos, a maioria das alunas ainda não alcançou a idade mínima. Há alunas com idade em torno de 55 anos que também frequentam as aulas. Isto, porém, não é um impedimento para o ingresso no projeto. A ideia é que o projeto cumpra aquilo a que se propõe: proporcionar a inclusão digital, mesmo que seja entre alunos caracterizados como de “meia idade”.

As aulas são ministradas uma vez por semana e tem duração de duas horas. Não há listas de chamada ou provas, mas os monitores cobram que os alunos treinem o que foi aprendido em aula durante a semana, como se fosse uma “lição de casa”. Para assegurar que os conteúdos estejam sendo absorvidos, são feitas constantes revisões. É necessário que o aluno domine um tópico antes de alcançar compreensão total do próximo, uma vez que todas as ferramentas, em especial as ligadas à internet, estão interligadas.

No ano passado o método de ensino era diferente. Cada aula possuía um tema diferente sobre o qual os alunos pesquisavam na internet e reuniam informações. A partir disso eram elaboradas apresentações para serem mostradas à sala. A partir daí, era incentivado o debate sobre o assunto.

Tal espécie de aula era positiva à medida que incentivava a conversa e interação entre os alunos, cumprindo uma das funções da universidade da terceira idade: a inclusão social. Porém, neste modelo, o ensino acabava ficando em segundo plano. Não havia tanto tempo para mostrar novas ferramentas, *websites* e redes sociais para os alunos, assim como não havia tempo para a prática dentro da sala.

Após questionar os alunos sobre o que eles procuravam em uma aula de informática, o esquema se modificou. A ideia de aulas temáticas deu espaço a um sistema de ensino de programas básicos do pacote *Office*, familiarização com ícones, mecanismos de navegação, pesquisa via internet, uso de redes sociais etc. Os professores passaram a atuar mais como monitores, auxiliando poucos alunos por vez, acompanhando cada evolução dos participantes do projeto.

Um dos grandes problemas que barram o desenvolvimento do projeto é a falta de uma sala de aula específica para tal finalidade. As aulas estão sendo ministradas na sala do PET/Santander e, devido a isso, os estudantes dividem o espaço com outras pessoas de

projetos diferentes. Apesar de a sala oferecer acesso a computadores e internet e abrigar todos os alunos, o local ainda não é ideal por não possibilitar mudanças e evoluções no processo. Se, por exemplo, o projeto crescer e mais alunos ingressarem na Unati, será necessária uma mudança na estrutura atual.

Pelo fato deste projeto ainda ser muito novo, não há muita divulgação em torno das ações e inovações que ele inspira. Porém, com o passar do tempo e consolidação do TID, pretende-se atender cada vez mais idosos interessados no uso do computador e internet.

3.6 Acompanhamento das aulas da Unati

Para a realização deste trabalho, foram acompanhadas as aulas do projeto TID da Unati da UNESP/Bauru durante o segundo semestre de 2012. No período, as aulas foram observadas de perto para que fosse estudado o comportamento das alunas na sala de aula. Nas aulas observadas, a quantidade de alunas variou entre duas e seis, tornando mais simples o acompanhamento de perto para compreender as reações, méritos e dificuldades de cada integrante da classe.

A princípio, foi proposta uma pesquisa por meio de questionários. Porém, ao ser notada a pequena quantidade de estudantes, notou-se que a melhor ação para o caso seria a observação das aulas e entrevistas. Tais entrevistas foram feitas tanto em aula, por meio de perguntas relacionadas com o conteúdo e impressões pessoais sobre ele, quanto fora da sala, de modo a conseguir impressões mais diversificadas e elaboradas sobre o aprendizado.

Foram observadas, também, as ações das alunas nas redes sociais, de modo a identificar de que maneira elas estavam crescendo e se relacionando com outros indivíduos, além dos maiores obstáculos encontrados ao tentarem realizar nova atividade no âmbito destas redes.

A análise foi dividida em dois tópicos, listados e explanados a seguir, com seus respectivos resultados.

3.6.1 Comportamento das alunas fora da internet

Tal item compreende a reação dos idosos participantes do TID frente a ferramentas e programas *off-line*, como programas do pacote *Office* (*Word*, *Power Point*, *Excel*) e comandos

e tarefas de simples execução no computador (organização de pastas, ato de “copiar e colar”, utilização de *pen drives* e de outros dispositivos móveis, localização de ícones e programas no computador).

O programa de edição de texto utilizado pelos alunos foi o *Microsoft Word*, mas as alunas aprenderam como usá-lo ainda no primeiro semestre. No período observado, porém, a revisão era constante. Observou-se uma grande dificuldade na digitação de textos, causada, em sua maior parte, pelo medo de danificar a máquina, conforme já comentado por Garcia (2001). O mesmo receio foi observado em relação à utilização dos ícones do programa: as participantes do projeto temiam que o texto fosse subitamente apagado com um clique incorreto, por isso se mostravam cautelosas em demasia nesta área.

Percebe-se no ensino da maioria dos *softwares* à indivíduos em processo de inclusão digital uma certa dificuldade em estabelecer a linguagem que deve ser utilizada no ensino. Enquanto para uma pessoa já acostumada a usar o computador o ensino de novos programas é instintivo e incentiva o estudante a seguir seu próprio caminho, para alguém se iniciando no mundo digital as instruções tem que ser transmitidas passo a passo. Não basta apenas dizer “dê o *enter* par mudar de linha” ou “clique no botão *x* para justificar o texto”. É preciso, primeiramente, explicar ao aluno o significado de tais comandos e ajudá-lo a localizar os ícones na tela. É neste caso que o acompanhamento dos alunos por monitores se faz essencial.

Para facilitar o aprendizado da sala, o TID conta com material de apoio, sugestão dada pelos próprios alunos. A cada aula, os participantes do programa recebem o material explanando o que será abordado na aula do dia, tornando mais fácil o acompanhamento e memorização do conteúdo. Para tal mérito, o material traz imagens dos ícones dos programas que estão sendo utilizados, de modo a facilitar a localização destes no computador (ver anexo B e C).

No aprendizado da manipulação de dispositivos móveis, foram encontrados resultados compatíveis com o esperado (ver anexo A). A grande dificuldade em tal tópico foi se acostumar com a ideia da interação de um dispositivo externo com o computador pessoal. Tal bloqueio pode ser entendido se analisado o cotidiano das alunas pré-curso. Antes, os meios de comunicação mais utilizados eram o rádio e a televisão, meios que ofereciam pouca interatividade e pouca interação entre eles e demais dispositivos tecnológicos. É difícil para as alunas aceitarem que haja possibilidade de transmissão de dados entre um aparelho outro.

Em relação aos dispositivos móveis, há também certa desconfiança no uso destes para armazenamento de dados importantes. Enquanto a maioria dos nativos digitais confia no uso de *pen drives*, a ideia não é tão bem aceita pelos imigrantes digitais. Há receio em relação à

segurança dos dados, além de não haver muita confiança no próprio dispositivo no que diz respeito ao bom funcionamento deste. Na hora de ensinar os idosos a utilizar *pen drives* ou a passar fotos da câmera para o computador, é necessário guiá-los passo a passo para que eles adquiram familiaridade com o processo.

Em relação à organização de pastas no computador e mudança de documentos e fotos de uma pasta para a outra foram notados os mesmos sentimentos de insegurança. Desta vez a preocupação era em não perder os documentos. Há sempre um receio de “deletar” o arquivo sem querer e não conseguir recuperá-lo depois.

Observa-se que, em todos os momentos do aprendizado, as alunas sentem a necessidade de anotar as novas informações. Segundo entrevistas com as alunas (apêndices A, B e C), elas se sentem mais confortáveis carregando um caderno pessoal para guardar o que foi passado em aula, de modo a “ajudar” a memória na hora de lembrar o que e em que ordem fazer no computador em diferentes situações. Foi expresso também o desejo de ter uma apostila com todas as informações reunidas, para facilitar a organização do material de aula. Elas expressaram, porém, que desde a decisão de distribuir os passos da aula impressos, elas vêm entendendo as novas informações com mais facilidade.

3.6.2 Comportamento das alunas na internet

Tal item englobou uso, reações e ações no *facebook*, utilização de *e-mail*, pesquisa pelo *Google*, orientação espacial através do *Google Maps* e pesquisas de vídeos no *You Tube*. Lembrando que esses tópicos são apenas os vistos até agora: ainda há muito a ser visto para alcançar um domínio considerável das ferramentas da internet.

Em relação ao *facebook*, foi encontrada uma grande aceitação. As alunas entrevistadas e observadas declararam que a rede social é um dos *websites* mais usados por elas no momento e destacam seus benefícios citando constantemente as palavras “social”, “conversa” e “contato”. Todas elas já encontraram algum parente ou amigo que não viam há muito tempo navegando na rede e puderam, assim, estabelecer contato através de mensagens. Elas também enfatizam a importância do *facebook* para se atualizarem a respeito do que pessoas conhecidas estão fazendo. Tal rede é, portanto, uma ferramenta de interação social essencial para as alunas.

As redes sociais *online* são, por sua essência, um ponto de encontro e reunião de pessoas que não conhece limites de espaço ou de tempo: se há conexão de internet é possível a interação com alguém que você não vê há muitos anos. A oportunidade de conhecer novas

peessoas, uma utilidade de redes sociais na internet que é aclamada e reconhecida como um grande atrativo surte um efeito oposto nos idosos do TID. Isso se deve, também, ao medo ligado ao contato com estas novas tecnologias. Neste caso, porém, o medo não é apenas das novas ferramentas e ações que compõem o site: mas também de questões que abordam segurança *online*. Mesmo após aprenderem sobre as configurações de segurança que podem ser modificadas na rede, as alunas ainda se mostravam receosas quanto a adicionar pessoas das quais não fossem próximas. Enquanto para a maioria dos nativos digitais adicionar à lista de amigos um mero “colega” é ação cotidiana, para elas a ação era mais elaborada. Se alguém pedia para ser “amigo” no *facebook*, a página de tal pessoa era analisada com cuidado, para que, então, fosse autorizada ou não.

Notou-se também um cuidado maior na postagem de mensagens no mural de amigos. Por terem conhecimento de que o mural era público, ou seja, de livre acesso a outras pessoas que não fossem as envolvidas na conversa, havia uma grande preocupação em postar algo bem escrito e de fácil compreensão, de modo a evitar desentendimentos. Também não são utilizadas abreviações e raramente são usados *emoticons* ou símbolos, uma vez que as alunas, imigrantes digitais, não estão acostumadas com a linguagem da internet, que modifica um pouco a língua-mãe de cada país de modo a se adequar à rapidez e dinamicidade do mundo *online*.

No ponto que estão em relação ao aprendizado de *facebook*, as alunas ainda apresentam dificuldade na diferenciação de ações oferecidas por tal rede social. O “curtir” ainda é confundido com o “compartilhar”, assim como não há ainda uma segurança plena de como fazer comentários e se tais comentários serão vistos apenas por uma pessoa ou por todos os usuários. Isto se deve ao excesso de novas informações passadas, que acabam ocasionando uma mistura de funções de cada ícone e o significado destes.

Percebe-se também que as alunas tem preferência em conversar com amigos ou parentes por meio do chat da rede social, ao invés de postagens nos murais. Isso se deve também à preocupação com a segurança *online*, por medo de que pessoas indesejadas vejam suas conversas e façam mau uso das informações.

No que diz respeito ao uso de *e-mails*, foi encontrada menor dificuldade das alunas. Os fundamentos básicos do correio eletrônico, como estabelecimento do destinatário, cópia oculta, anexos, encaminhamento e envio foram mais facilmente entendidos do que as ferramentas do *facebook*. As figuras de exemplo no material de aula (ver anexo 2) ajudaram na compreensão e memorização das funções de tal artifício.

Ao aprenderem a navegar pelo *You Tube* para assistirem vídeos, as alunas mostraram rapidez ao dominar a página, uma vez que o método de pesquisa no site segue o modelo do *Google*, já ensinado ainda no primeiro semestre. Porém, observa-se uma diferença em relação à navegação dos nativos digitais. Ao mesmo tempo em que o nativo começa a assistir o vídeo, vê que não é bem aquele o conteúdo que desejava e muda de página, as alunas continuavam assistindo o vídeo até o fim. Ainda não há a autonomia para interromper uma ação e iniciar outra sem pedir orientação das monitoras. Quando a aluna, seja em qual *site* for, sente-se segura para tomar o próximo passo sem a ajuda de alguém, sabe-se que aconteceu uma evolução no aprendizado e entendimento da idosa.

3.6.3 Outras impressões

Tanto no âmbito da internet quanto fora, percebeu-se que ainda há barreiras na adequação de ferramentas tanto para imigrantes digitais idosos quanto para não idosos. Um dos fatores que dificulta o aprendizado de novas ações é a fonte pequena tanto no teclado do computador quanto na tela. Isso ocasiona barreiras na hora de compreender novos métodos, uma vez isso ocasiona também problemas de saúde – há necessidade de o idoso ficar muito próximo à tela, prejudicando sua postura.

Outra barreira encontrada é a do idioma. A língua dominante na internet é o inglês, com 536,6 milhões de usuários no mundo³⁸ (IWS, 2010). Porém, grande parte dos idosos que ingressam em uma universidade da terceira idade não tem conhecimento da língua e, por isso, encontram grandes obstáculos no uso da rede. É possível, claro, utilizar ferramentas de tradução de *websites*, mas o resultado sempre fica aquém do esperado.

A incompatibilidade com o idioma universal da internet leva, muitas vezes, a desistência de alunos. Afinal, como utilizar um meio cuja língua é desconhecida? O processo de evolução acaba por ficar lento e frustrante, e os resultados esperados nunca são alcançados.

A verdade é que os cursos de inclusão digital, seja em Unati's ou em outras escolas ou estabelecimentos especializados, devem levar em conta todos os aspectos da vida do aluno que ingressa no curso. É necessário considerar a idade, a classe social, a profissão, se tem ou não computador em casa com acesso à internet, se possui familiares já incluídos digitalmente, qual é a disponibilidade para treinar os conceitos aprendidos em casa etc. A essa altura, já é possível concluir que a inclusão digital é alcançada apenas se forem levados em conta todos

³⁸ Dados do "Internet World Status". Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/stats7.htm>>. Acesso em: 2 nov. 2012.

os fatores que contribuem para a exclusão digital em diferentes situações, assim como os resultados da inclusão levam a mudanças em inúmeras áreas.

4. Considerações Finais

Foi discutido que estamos em uma nova era da comunicação e entretenimento. Todas as informações e mensagens são instantâneas, e exige-se rapidez e qualidade em relação a todas as tecnologias. O ser humano acompanha esta tendência, vivendo de maneira cada vez mais acelerada, dependendo de aparatos digitais em cada aspecto de sua vida.

Deste modo, quem não acompanha tal ritmo é deixado para trás. Sem que seja dada a devida atenção à exclusão digital, caminha-se para um mundo de pessoas sem acesso a informações, que então em vias de serem compartilhadas exclusivamente pela internet. A inclusão digital é importante para evitar que os benefícios da vida moderna sejam negados a grande parte da população mundial. Sabe-se que nem tudo são flores na sociedade da informação: a desigualdade, preconceito e concentração de renda permanecem como características entranhadas no mundo globalizado. A internet, porém, é um espaço em que o conceito de democracia pode ser praticado na sua forma mais livre e efetiva, e negar tal tipo de participação cidadã a um grupo considerável de pessoas pode ter consequências perigosas.

Os idosos vêm sofrendo preconceitos há séculos. Muitos jovens os consideram inaptos para o contexto atual, e não reconhecem que, um dia, também envelhecerão e integrarão uma sociedade com uma juventude cada vez menor e uma terceira idade cada vez maior e mais ativa. Negar o universo digital a esta faixa da população é, também, um tipo de preconceito.

O contato e aprendizado de novas tecnologias mostram-se extremamente benéficos, tanto para a saúde dos idosos quanto para suas relações interpessoais e sociais. Quanto mais se acompanha a evolução destes indivíduos em projetos de inclusão digital, mais se percebe o quanto a qualidade de vida do grupo aumenta e faz cada aluno se motivar e aprender cada vez mais. Não há obstáculos de tempo quando há vontade de agir para mudar uma situação inaceitável, e é possível mudar a situação da exclusão digital de idosos com projetos do tipo das Universidades Abertas à Terceira Idade.

No projeto “Terceira Idade Digital”, as alunas tem a oportunidade de se integrarem a um novo mundo. Elas vencem as barreiras do medo e do preconceito e alcançam um meio de melhorar suas vidas por meio das tecnologias. Os benefícios vão desde a comunicação com amigos e parentes até a pesquisa de endereços e orientação espacial. O idoso incluído digitalmente alcança independência através da internet, o que gera um fortalecimento de sua autoestima. Isto se reflete em diversos aspectos da vida do indivíduo, melhorando desde sua saúde quanto sua vida social.

E ainda há muito a ser feito no TID. Planeja-se uma melhoria no material de aulas e a inclusão de novos tópicos de ensino que se encaixem cada vez mais nas necessidades demonstradas no dia-a-dia dos alunos. Além disso, entende que este projeto de inclusão digital na Unati da UNESP de Bauru é apenas a ponta do *iceberg*. Ainda existe a oportunidade de criação de outras atividades que também colaborem para alcançar melhorias na qualidade de vida da terceira idade e estabeleçam vínculo com o ensino do uso de tecnologias.

As universidades abertas da terceira idade são essenciais para que a exclusão digital entre idosos seja erradicada. Iniciativas desta espécie, com adaptações planejadas de acordo com o público focado, podem ser desenvolvidas para outras faixas de idade e voltadas a públicos especiais, que busquem uma educação com foco profissional, por exemplo. Muitas atividades do tipo já estão sendo desenvolvidas no Brasil e no mundo, mas ainda há muito a ser feito para atingir todas as camadas da população de maneira igualitária, de modo a erradicar a desigualdade tecnológica que representa um grande retrocesso na história da evolução humana.

Sabe-se que existem diversos obstáculos para a consolidação da inclusão digital em todas as esferas da sociedade, e que tais barreiras não são fáceis de serem derrubadas. Porém, no contexto atual, o fim do abismo digital se faz necessário para que todos os cidadãos sejam plenamente integrados ao mundo em que vivem, buscando seus direitos e tendo livre acesso a todos os caminhos que podem ser trilhados através da internet.

Referências

- AMOROSO, D. **Diferenças entre laptop e notebook.** Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/netbook/1450-diferencas-entre-laptop-e-notebook.htm>>. Acesso em 4 nov. 2012.
- ARRUDA, I. E. A. **Análise de uma Universidade da Terceira Idade no município de Campinas.** Campinas, 2009. 90 p. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2009.
- BECKER, M. L. **Inclusão Digital e Cidadania: as possibilidades e as ilusões da “solução” tecnológica.** Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. 200p.
- BRASIL. Ministério das Comunicações. Portaria nº 483, de 12 de agosto de 2008. **Aprova a Norma Geral do Programa GESAC.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 de ago. 2008. Disponível em: < <http://www.gesac.gov.br/> >
- BRITO, J. A. P. **Cibercidadania: a virtualização na comunicação contemporânea.** In: *Organicom: Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.* São Paulo, v. 3, n. 4, p. 106-123, 1º semestre 2006.
- CAMARANO, A. A., BELTRÃO, K. I., ARAÚJO, H. E., PINTO, M. S. **Transformações no padrão etário da mortalidade brasileira em 1979-1994 e no impacto na força de trabalho.** IPEA, set. 1997 (Texto para Discussão, 512).
- _____, A. A. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: Freitas EV, Py L, Nery AL, Cançado FAX, Gorzoni ML, Rocha SM, organizadores. **Tratado de geriatria e gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2002. p. 58-71.
- _____, A. A.; KANSO, S. e LEITÃO E MELLO, J. Como vive o idoso brasileiro? In CAMARANO, A. A. (org.) **Muito além dos 60 – Os novos idosos brasileiros.** Rio de Janeiro, IPEA, 2004, p.25-74.
- _____, A. A. (org.) **Os novos idosos brasileiros: Muito Além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004, 604p.
- CAMPOS, A. **O que é Linux.** BR-Linux. Florianópolis, março 2006. Disponível em <<http://br-linux.org/faq-linux>>. Acesso em: 31 out. 2012.
- CANCLINI, N. G. **Leitores, espectadores e internautas.** São Paulo: Iluminuras, 2008. 94 p.
- CARVALHO, José Oscar F. O papel da interação humano-computador na inclusão digital. In: **Revista Transinformação.** Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, v.15, n.3, ed.espec., p. 75-89, set./dez. 2003.
- CASTELLS, M. Communication, Power and Counter-power in the Network Society. In: **International Journal of Communication,** v.1, 2007, p. 238-266.

CMSI. **Processo preparatório à Cúpula Mundial da Sociedade da Informação (CMSI)** "Declaração de Princípios e Plano de Ação" - Contribuições preliminares do Brasil. 07 jan. 2003.

DEMO, P. Marginalização Digital: Digital Divide. In: **Boletim Técnico do SENAC**. Rio de Janeiro, v. 33, n.2, maio/ago. 2007, p. 5-19.

DOLL, J. Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. In: NERI, A. S. (Org.). **Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007. 288 p.

FAJARDO, V. **Faculdade da Terceira Idade garante qualidade de vida, dizem idosos**. In: G1 – O Portal de Notícias da Globo. São Paulo, 19 ago. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2010/06/faculdade-da-terceira-idade-garante-qualidade-de-vida-dizem-idosos.html>>. Acesso em: 28 out. 2012.

FALEIROS, V. P. Cidadania: os idosos e a garantia de seus direitos. In: NERI, A. S. (Org.). **Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007. 288 p.

FILDES, J. **Politics ‘stifling’ \$100 laptop**. 27 Nov. 2007. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/technology/7094695.stm>>. Acesso em: 27 out. 2012.

G1 – O Portal de Notícias da Globo. G1 – São Paulo. **Em 50 anos, percentual de idosos mais que dobra no Brasil**. 30 abr. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/04/em-50-anos-percentual-de-idosos-mais-que-dobra-no-brasil.html>>. Acesso em: 27 out. 2012.

GARCIA, H.D. **A Terceira Idade e a Internet: uma questão para o novo milênio**. 2001. 171p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

GESAC, Portal digital. Disponível em: < <http://www.gesac.gov.br/>>. Acesso em: 4 nov. 2012.

SHAH, A. **Poverty Facts and Stats**. Global Issues: Social, Political, Economic and Environmental Issues That Affect Us All – Percent of people in the world at different poverty levels, 2005 (Web). Disponível em: <<http://www.globalissues.org/article/26/poverty-facts-and-stats>>. Acesso em: 1 nov. 2012.

GOMES, L.; LOURES, M. C.; ALENCAR, J. Universidades Abertas da Terceira Idade. In: **Revista Diálogos**, Brasília, v. 4, p. 84 – 94, jun. 2004.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 1960**. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1960/CD_1960_MT.pdf>. Acesso em: 27 out 2012.

_____. **Censo demográfico de 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/20122002censo.shtm>>. Acesso em: 27 out 2012

_____. **Censo demográfico de 2010**. Disponível em:
<<http://www.censo2010.ibge.gov.br/apps/mapa/>>. Acesso em: 27 out 2012.

International Data Corporation: About IDC. Disponível em:
<<http://www.idc.com/about/about.jsp?t=1350668633593>>. Acesso em 28 out. 2012.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2011 (PNAD)**. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2222&id_pagina=1>. Acesso em: 29 out. 2012.

INTERNET WORLD STATS, **Usage and population statistics**, 2008. Disponível em:
<<http://www.internetworldstats.com>>. Acesso em 26 out. 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008. 368 p.

LIMA, M. A. A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a Terceira Idade: a UnATI/UERJ. In: **Textos sobre Envelhecimento UnATI/UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 1999, p. 23-63.

LOHR, S. **Why Walter Bender Left One Laptop Per Child**. 27 Mai. 2008. Disponível em:
<<http://bits.blogs.nytimes.com/2008/05/27/why-walter-bender-left-one-laptop-per-child-edited-hold-for-wed-am/>>. Acesso em: 27 out.2012.

LOIOLA, R. **Geração Y**. Revista Galileu, ed. 219, out. 2009. Disponível em:
<<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html>>. Acesso em: 5 nov. 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A questão do suporte dos gêneros textuais**. Projeto Integrado: “Fala e Escrita: Características e Usos”, do NELFE (Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e Escrita), Departamento de Letras da UFPE, 2003.

MATTOS, F. A. M. e CHAGAS, G. J. N. Desafios para a inclusão digital no Brasil. In: **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 13, nº 1, p. 67-94, jan./abr. 2008.

MEDEIROS NETO, B; MIRANDA, A. L. C. Aferindo a inclusão informacional dos usuários de telecentros e laboratórios de escolas públicas em programas de inclusão digital brasileiro. In: **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, PB, v. 19, n. 3, p. 109-122, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/3957/3131>>. Acesso em 20 out 2012.

MORAES, D. **O Ativismo Digital**. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>>. Acesso em: 2 nov. 2012.

NERI, A. S. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: NERI, A. S. (Org.). **Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007. 288 p.

_____. Feminização da velhice. In: NERI, A. S. (Org.). **Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007. 288 p.

NETTO, A. J. Universidade aberta para a maturidade: avaliação crítica de uma avançada proposta educacional e social. In: KACHAR, V. (org.). **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001, 192 p.

NUNES, A. T. G. L. Serviço social e universidade da terceira idade: uma proposta de participação social e cidadania para os idosos. In: **Textos sobre Envelhecimento UnATI/UERJ**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 5, p. 1-97, 1º semestre 2000.

OLIVEIRA, R. C. S. O processo histórico do estatuto do idoso e a inserção pedagógica na universidade aberta. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 28, p. 278-286, dez. 2007. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/28/art18_28.pdf>. Acesso em: 28 out. 2012.

PACHECO, J. L. As universidades abertas à terceira idade como espaço de convivência entre gerações. In: SIMSON, O. R. M. V.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (orgs.) **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2003.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants Part 1. In: **On the Horizon**, 2001, Vol. 9 Iss: 5 pp. 1 – 6. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/10748120110424816>>. Acesso em 24 out 2012.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, CASA CIVIL, SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Estatuto do Idoso**. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em 25 out. 2004.

Pró-Reitoria de Extensão Universitária da Unesp (Site). Disponível em: <http://www.unesp.br/proex/programas/pisc_unati.php>. Acesso em: 28 out. 2012.

RODRIGUES, G.M.; SIMÃO, J.B.; ANDRADE, P. S. Sociedade da informação no Brasil e em Portugal: um panorama dos livros verdes. In: **Ciência da informação**, v. 32, n. 3, p. 89-102, set./dez. 2003. ISSN 0100-1965.

RYDLEWSKI, C. **Era uma vez um laptop de 100 dólares**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/060208/p_054.shtml>. Acesso em: 26 out. 2012.

SELAIMEN, G.; LIMA, P. H (orgs.). **Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação: Um tema de todos**. Rio de Janeiro: Rits, 2004.

SIGETEC, Sistema de Gestão Tecnológica. **Manual de Adesão ao ProInfo utilizando o sistema SIGETEC**, ProInfo, Ministério da Educação.

SILVA NETO, C; CARVALHO, J. O. F. O programa de inclusão digital do governo brasileiro: análise sob a perspectiva da interseção entre ciência da informação e interação humano-computador. In: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 5, n. 2, p. 25-52, jul./dez. 2007.

SILVEIRA, S. A. Inclusão digital, software livre e globalização contra-hegemônica. In: **Revista Parcerias Estratégicas: Seminários temáticos para a 3ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação**, Brasília, n. 20, pt. 1, jun. 2005, p. 421-446. Disponível em: <http://www.softwarelivre.gov.br/softwarelivre/artigos/artigo_02>. Acesso em: 17 out. 2012.

SIMÕES, L; GOUVEIA, L. Geração Net, Web 2.0 e ensino superior. In: FREITAS, E.; TUNA, S. (Orgs.). **Novos Média, Novas Gerações, Novas Formas de Comunicar. Edição especial Cadernos de Estudos mediáticos**, n. 6, Edições Universidade Fernando Pessoa, 2009, p.21-32.

SIQUEIRA, M. E. C. Velhice e políticas públicas. In: NERI, A. S. (Org.). **Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007. 288 p.

SMALL, G. “**A Internet transforma o seu cérebro**”: depoimento. [12 de Agosto de 2009]. São Paulo: Revista Veja. Entrevista concedida a Lia Luz. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/120809/internet-transforma-cerebro-p-96.shtml>>. Acesso em 25 de outubro de 2012.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil: livro verde**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TEZA, Mario. **Do Computador Popular ao Computador Para Todos: Uma chance para o Brasil**. Disponível em: <http://br-linux.org/linux/mario_teza>. Acesso em: 30 out. 2012.

Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado no Rio de Janeiro (Site). Disponível em: <www.unati.uerj.br>. Acesso em: 28 out. 2012.

VASCONCELOS, Y. **O que é ciberativismo?** Revista Vida Simples, jun. 2008. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/conteudo_281598.shtml>. Acesso em: 2 nov. 2012.

W3 Techs – Web Technology Surveys (Site). Disponível em: <http://w3techs.com/technologies/overview/content_language/all>. Acesso em: 1 nov. 2012.

WAYNE, B.; ROBBIN, A. Trends in Internet Information Behavior, 2000-2004. In: **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, n. 59, v. 11, 2008.

6. Apêndices

APÊNDICE A: Entrevista com Alair Moura Silva, 77 anos.

Repórter: Você está com pressa, tem alguma coisa pra fazer depois daqui?

Alair: Ah, então, é que a minha filha vai chegar agora no fim da tarde.

Repórter: Mas vai ser rapidinho, te entrevisto aqui mesmo.

Alair: Tudo bem. Onde você vai querer me entrevistar.

R: Pode deixar que eu ando com você. A gente vai andando e falando

A: E você ‘tá gravando?

R: Ah, eu ‘tô. Eu gravo mais pra lembrar depois, porque minha memória não é lá essas coisas.

A: Você me pergunta e eu respondo?

R: É. Mas fica tranquila, é mais uma conversa mesmo.

A: Tá. Se você não tivesse falado que ‘tava gravando eu nem teria percebido.

R: Mas é bom sempre avisar.

(meninas da UNATI se juntam a nós para pedir carona para casa com Alair)

A: É isso que eu falo pra elas: eu fiquei vinte anos sem pegar o carro, peguei de novo faz uns seis anos.

R: Minha mãe só aprendeu a dirigir com mais de quarenta anos.

A: Não, não. Eu aprendi novinha. Dirigi a vida inteira. Mas meu marido morreu e eu comecei a pegar de novo. Às vezes eu falo que eu quero parar e minha filha fala “Não para”. Mas agora não paro mais. Agora que peguei, não paro mais. Faz seis sete anos que voltei a dirigir.

R: Então você já ‘tá craque.

A: Não ‘tô não! Eu só gosto de andar perto de casa. (andando em direção ao corredor). Me lembra depois de pegar elas.

R: Ok. Então, eu queria saber o que te motivou a mexer no computador.

A: Olha, pra falar a verdade, eu sentia que as meninas estavam aprendendo, fazendo. Queria me comunicar com uma neta mas não sabia. Eu tinha neta que viajou, foi pra Rússia. Então eu queria acompanhar. Fui aprendendo sozinha. Fui aprendendo sem aprender. Tinha medo de mexer. Mas agora, aqui, vocês ‘tão orientando direitinho. Uma parte que pra mim não sei se interessa é aquela parte de gráficos, que eu nem sei o nome das coisas. Fui aprendendo sem saber o nome. Fui aprendendo o *facebook*, tudo assim sem aprender, sabe?

R: Em casa mesmo, né?

A: Sim, com a neta ajudando. Mas a neta não gosta muito de me ajudar né.

R: Normalmente falta paciência.

A: Sim. Ela não ajuda, ela fica brava. Mesmo agora, eu tenho uma tarefa pra fazer e falo “faz isso, como faz isso aqui”. Mas não, ela não ensina. Eu tenho que esperar mesmo vocês. É aqui que eu ‘tô aprendendo. Então essa parte do *facebook*, por exemplo, foi interessante para nós.

R: E quando você começou a vir aqui?

A: (pausa) Antes de agosto. Acho que foi em junho, julho. Mas não tenho certeza.

R: Agora no segundo semestre, mais ou menos?

A: Que eu peguei firme, sim. Eu vim com umas outras colegas. Eu não dirigia pra esse lado, então eu vinha com as outras. Mas elas largaram!

R: Elas desistiram?

A: Desistiram. A Zoraide porque já sabia bem, a outra porque o filho precisava do carro, a outra perdeu o interesse. A gente começou em quatro e eu acabei ficando sozinha. Mas eu falei pra elas que não podia largar, porque eu quero aprender. Porque em casa eu sabia que não aprendia, com neto e com filha não adianta. E elas não tem tempo nem vontade de ajudar. É aqui mesmo que eu quero aprender. E eu ‘tô gostando. Porque aquela parte de gráficos, não sei como chama.

R: Do que, da internet?

A: Não...

R: Do Word? Daquele de digitar?

A: Sim. (pausa) Ah, não sei te explicar. Vocês não dão apostila então eu não tenho aqui o que é. Tenho anotado num caderninho. Pra fazer aqueles gráficos, pra porcentagem, sabe?

R: Ah, o excel?

A: É! O excel. Pra nós não interessa muito. Pra nós o que mais interessa é essa parte social.

R: De você conversar com as pessoas?

A: É o que eu falei. A minha neta foi pra Rússia e eu entrava aqui no *facebook* e eu via os vídeos que ela postava, as dancinhas. Então eu acompanho tudo, o tempo todo, o tempo todo acompanhando. Isso que eu achava falta antes. E agora eu vejo essa parte que vocês ‘tão vendo, de mapas. Isso é muito bom pra gente.

R: E o que você acha mais difícil de entender?

A: Tudo ‘tá difícil. A gente ‘tá tentando entrar, aprender. Vai indo, sei lá. Agora essa apostila ajudou muito. Esse texto ‘tá bem claro. É que dificuldade a gente tem mesmo. É difícil de entrar na cabeça uma coisa que você não ‘tá acostumado. Hoje em dia as crianças já nascem apertando botãozinho. Aquelas crianças pequenininhas já tão mexendo no computador, jogando, mexendo no celular. Por exemplo, a minha neta tinha uma amiga de Araçatuba que

ia passar por aqui. E ela disse que queria comer o sanduíche oficial de Bauru. Então minha neta foi acompanhando, pelo celular, a amiga dela. Desde Araçatuba até chegar aqui. Usando a internet. Então a tecnologia faz o que a gente quiser. Mas ainda é difícil pra gente. Mesmo a minha amiga, a Zoraide, que sabe mais de computador já, ainda tem dificuldade. Todo mundo que começa a aprender nessa idade encontra mais dificuldade.

R: Até porque você nunca tinha mexido em nada parecido, né?

A: Não. O máximo que eu fazia era ligar o rádio e a televisão. E antes nem tinha controle. Quando começou com esse negócio de controle começou a atrapalhar. Já começou a mexer com a cabeça da gente. Um controle pra ligar, um controle pra mexer na *net*, já começou a complicar. Mas isso aí a gente vai aprendendo também. E vamos indo.

R: E quando você quer se comunicar com alguém. Você já se sente segura para falar direto pelo *facebook*?

A: Sim. Só não procuro estranhos né. Mas por exemplo, eu queria localizar uma sobrinha. Porque ela cortou relações com a família. Porque morreu meu irmão, morreu meu pai, morreu minha mãe. O pai dela, a mãe. Então ela ficou isolada. Com as tias mesmo ela nunca mais falou. Perdi o contato. Ela até deixou comigo o telefone dela. E eu tentei ligar. Porque mesmo sendo só sobrinha de criação e família, né? E eu não consegui falar com ela pelo telefone que ela deu. Não sei o que aconteceu. E pelo *facebook* eu procurei. Assim que eu vi a carinha dela eu reconheci. Aí eu deixei uma mensagem pra ela e ela respondeu. Então eu conversei, ela falou dos filhos dela, a idade deles, porque eu tinha até esquecido a idade das crianças. Então essa sobrinha eu localizei. Agora, conversar eu converso com a minha neta. Ela tá faculdade, então é claro que eu não quero atrapalhar.

R: O que ela faz?

A: Engenharia Ambiental. Eu clico lá e ponho “saudades, beijos”. Tem dia que ela dá umas respostas, ela responde lá qualquer coisa. Tem dia que não. Às vezes uma cunhada, eu mando recado.

R: E você achou alguém além dessa sua sobrinha?

A: Ainda não procurei.

R: Porque às vezes até você acha alguma amiga que você não vê há muito tempo...

A: Quando eu comecei a mexer no *facebook* uma ex-aluna veio falar comigo. “Ô, dona Alair, há quanto tempo!” Ela ainda deixa recado de vez em quando, mas eu não fico conversando muito. Não sou de ficar conversando muito. E minhas colegas vem conversar também. E as vezes eu comento nas fotos da página delas.

R: Você era professora então?

A: Sim

R: De que?

A: Era professora de 1ª a 4ª série.

R: Nossa, dava trabalho?

A: Não, eu adorava. Era muito gostoso. Nós trabalhamos numa época que você trabalhava porque gostava. Hoje eu percebo que está diferente. Minha filha é diretora de escola. Eu percebo que mesmo os pequeninhos já são muito evoluídos.

R: Você dava aula aqui na cidade mesmo?

A: Sim. Eu nasci e fui criada aqui em Bauru. Morei a vida inteira aqui. Mas os mais novos agora saem da cidade e não querem mais voltar. Eu vejo pela minha neta. Ela quer sair aqui de Bauru e quer ir pra USP em São Paulo, ou uma faculdade lá em Maringá, Londrina, não sei. Não sei se vai mesmo, vai depender de passar no vestibular. Mas dá a impressão de que elas querem separar da gente. É diferente dos nossos filhos. Eles queriam ficar juntos. Hoje não. Vocês querem ficar independentes logo. (pausa) É isso, ou tem mais?

R: Queria saber o que mais você gostaria de aprender em relação à computador, internet.

A: Eu não sei! A medida que vocês vão dando, se é interessante, eu aceito. Eu não sei o que eu preciso aprender.

R: E você tem computador em casa?

A: Sim, eu tenho o meu.

R: E você entra sempre?

A: Sim, sempre. Tem um só meu em casa. Mas eu estranhei muito do computador daqui com o meu. A localização das coisas é diferente. Mas as meninas [monitoras da UNATI] ‘tão explicando muito bem. Antes eu não sabia o que eram aqueles pontinhos vermelhos que apareciam no facebook. Aprendi isso e também a eliminar o que eu não quero que apareça na minha página. Tem muitas coisas interessantes, tudo relacionado com essa parte social da internet.

R: Então você acha que aprender a mexer na internet mudou muito sua vida?

A: Ah claro! Se eu não tivesse aprendido a mexer ia ficar parada no tempo. Outro dia falaram sobre alguma coisa da internet no jornal. Se eu não tivesse fazendo essa aula de computação não teria entendido nada do que essa molecada ‘tá falando. Eu ficaria por fora de tudo. E a internet não é só pra falar com os outros. É tudo: notícia, localização, e tal. Antes a gente tinha tanto trabalho pra achar as coisas. Agora é tudo fácil, com esse negócio que a menina ensinou (google maps).

Eu e meu marido, quando começamos a aprender, ele tinha medo de enguiçar o computador, porque era da minha filha. Então agora que cada um tem o seu não tem mais isso. Computador não quebra fácil assim. Eu achava que quebrava. Se quebrar, conserta. Quando meu marido morreu, o carro ficou largado. Então eu falei “sinto muito João: você foi e agora eu tenho que aprender”. E já bati, já fiz barbeiragem. O que eu não quero é atropelar ninguém. É por isso que eu vou bem devagar. Se eu machucar alguém, eu nunca mais pego o carro. Eu queria largar, mas minha filha falou pra eu continuar. Vou esperar minha neta entrar na faculdade, aí eu vou parando. Eu não preciso. Moro num ponto perto de mercado, shopping, farmácia, restaurante, padaria. Se eu quiser cozinhar, eu cozinho. Se eu não quiser, vou lá e como fora.

APÊNDICE B - Entrevista com Verônica Sanches, 58 anos.

Repórter: O que te motivou a aprender a mexer no computador? Por que você quis aprender?

Verônica: Porque parece que você fica fora do mundo se você não sabe nada sobre o assunto. Meus filhos já são moços, ‘tão estudando, e pra tudo eles precisam de computador. Eles começam a conversar comigo e às vezes eu não entendo do que eles estão falando. E também porque é útil. A pessoa tem que se modernizar. Tem que avançar conforme vai a tecnologia. No meu tempo, se fosse gravar assim, ia ser em um gravador enorme. Agora o computador faz tudo. Se você não aprender esse tipo de coisa acaba ficando fora, não participa da vida, praticamente, porque toda a vida agora está dentro do computador. Para tudo que alguém vai fazer é necessário saber alguma coisa sobre isso. Em banco, para usar cartões, é tudo digitalizado. O que me levou a querer aprender é isso: para realizar as atividades do dia-a-dia.

R: E como você ficou sabendo da Unati da UNESP?

V: Eu ouvi no rádio que iria ter curso de biscuit. Então eu fui lá, porque eu gosto de artesanato. Aí na UNESP eu demorei até um pouco para encontrar o lugar do curso, e na recepção mesmo ninguém sabia. Comecei a fazer o curso de biscuit e encontrei algumas amigas minhas, que já estavam fazendo o curso de “computador” e elas me falaram pra fazer também. Só que eu não fui logo. Eu acabei o curso de biscuit, esperei um ano porque eu estava reformando a casa. Mas quando eu me mudei pra cá procurei saber se ainda tinha o curso.

R: Quando foi isso?

V: Foi em julho, agora no segundo semestre mesmo. Eu fiz umas duas aulas antes do pessoal entrar em férias.

R: E você está gostando das aulas?

V: Eu estou. Porque, assim, eu sabia algumas coisas só. Mas entrar na internet, ver *e-mail*, mandar mensagens, todas essas coisas de redes sociais, meu não sabia. Agora eu sei. Às vezes eu ainda tenho um pouquinho de dificuldade, porque geralmente eu não “pego” todo dia. Tem semana que eu só pego quando vou lá (à aula). Mas é muito bom ficar sabendo. Às vezes você acha parentes que há muito tempo não vê. Consegue achar pela internet, conversar. Aproxima as pessoas.

R: Quem você encontrou?

V: Primos meus, “bastante” primos que eu não tinha contato há muito tempo e agora eu tenho porque eu “achei eles” no *facebook*. Agora a gente conversa, manda alguma mensagem, troca foto.

R: Então o que você mais gostou de aprender foi o *facebook*?

V: Ah, eu gosto também, mas não é o que eu mais gosto. Tem também o MSN, que eu uso pra conversar com o meu filho. Ele não gosta muito, mas ele entra e conversa comigo. Ainda no semestre que vem elas (as monitoras) vão ensinar aquele programa que dá pra fazer cartão, sabe? Acho que chama Power Point, pra fazer apresentação. E dessas coisas eu também gosto. Eu gosto de criar alguma coisa. Já o *facebook* eu gosto porque aproxima os parentes e eu deixo de me sentir tão longe. Parece que estamos juntos. Com o Power Point eu tive pouco contato: só em umas duas aulas e naquela em que faltou internet. Mas ainda tem bastante coisa pra eu aprender.

R: O que você achou mais difícil de aprender?

V: Acho mais difícil criar pasta e colocar alguma coisa nela e depois passar pra outro lugar coisas como fotos, por exemplo. Ainda não gravei bem essa parte.

R: E foi complicado pra você se acostumar com o computador no início?

V: Foi sim. Eu ainda tenho medo que ele quebre quando eu vou mexer. Às vezes eu entro em alguma coisa na internet e tenho a impressão de que não vou conseguir sair. De repente, se eu apertar algum botão, dá alguma coisa errada, some tudo do computador. E como falam bastante em vírus eu tenho medo de clicar em alguma coisa que vá dar vírus no computador.

R: Antes de começar a frequentar as aulas você tentou aprender alguma coisa sozinha?

V: Minha filha me ensinou algumas coisas. Como eu tenho um *e-mail* eu abria o MSN, a caixa de mensagens. Eu tentei fazer umas coisas. Ela me explicou e eu fui conseguindo ver mensagens que me mandavam, excluir algumas quando a caixa tava muito cheia, essas coisas. Mas ela não tinha muita paciência de ensinar e nem tempo, porque ela trabalha.

R: O que ela faz?

V: Ela é advogada. Trabalha em um escritório de advocacia.

R: Quantos filhos você tem?

V: Tenho dois, ela e meu filho que ainda está estudando em São Paulo.

R: Alguma vez você já pediu pra ele ensinar alguma coisa pra você?

V: Já, mas quando ele vem pra cá eu às vezes tenho dificuldade em um negócio e ele me explica só aquilo. Ele não fica ensinando muito. Ele também não tem muito tempo, porque ele está fora. Então quando ele vem ele quer ficar junto. Mas aprender a mexer no computador é complicado mesmo. Tem coisa que eu faço e já em seguida quero entrar de novo naquilo e não lembro mais o que eu fiz pra chegar lá.

R: Você costuma fazer anotações na aula para lembrar?

V: Eu costumo anotar. Tenho uma cadernetinha. Elas dão aquelas folhas com as aulas, mas às vezes falta elas (as monitoras) colocarem alguma coisa. Tem uns detalhes que elas não põem mas nem percebem, até porque elas já sabem mexer bem. Então eu escrevo pra lembrar dos passos pra fazer cada coisa. No começo elas não davam as folhas, então desde o começo eu escrevi tudo na caderneta. Escrevi pra que servem esses botões (apontando para o *enter*, *ctrl* e *alt* do teclado). E às vezes tem computador que tá escrito às vezes não. O do meu marido só tem setinha, não ‘tá escrito em alguns botões.

R: E você tem um computador pra você em casa?

V: Tem o do meu marido, mas eu sinto diferença porque o dele não é “de mesa”, aí tem algumas diferenças. Mas eu já escrevi tudo na minha caderneta pra lembrar pra que serve cada tecla.

R: Ao se deparar com dificuldades, você já pensou em desistir do curso?

V: Não. Mas aquelas minhas amigas que me avisaram das aulas já não estão mais no curso. Quando eu resolvi entrar, elas já tinham saído. Eu não sei se elas aprenderam tudo que queriam.

R: A diferença que eu reparei na Unati daqui é que tem uma monitora pra cada uma ou duas alunas.

V: Sim, elas fizeram até uma pesquisa com um questionário, perguntando o que a gente achava que tinha que mudar. Aí elas arranjaram mais estagiárias, porque eu mesma coloquei que era bom ter um professor pra cada aluno ou pra cada dois alunos. Porque a gente precisa, né. A gente pergunta muito porque tem dificuldade. Uma professora só por classe fica difícil, porque até ela atender um você fica esperando. E se você tiver uma dúvida, você não sai do lugar enquanto não tiver orientação, e até ela chegar “em” você, perde um tempão.

R: E você diria que aprender a mexer no computador melhorou a sua vida?

V: Sim, porque agora eu me sinto mais dentro das conversas. Agora eu sei falar a respeito de computador. Às vezes as pessoas conversam e falam que mandaram alguma coisa pra alguém pela internet e agora eu entendo. Antes eu ficava perdida. Agora eu estou mais incluída.

APÊNDICE C: Entrevista com Queila Lezier Jordão, 51 anos.

Repórter: Quando você começou a frequentar as aulas da Unati?

Queila: Foi em março desse ano.

R: E quando você começou tinha mais gente na aula?

Q: Tinha sim. Aliás, nenhum que começou aqui comigo está vindo mais. Só a Rita e a Leonice que vem junto desde que a gente começou.

R: O que te levou a procurar esse curso?

Q: Eu queria aprender mesmo, curiosidade. Estávamos lá no SESI e uma aluna que fazia aula aqui ano passado falou muito bem daqui. Então a gente resolveu vir.

R: Em março o esquema de aulas era o mesmo de agora?

Q: Não. Não tinha um papel escrito pra gente, isso eles começaram faz pouco tempo. Era uma outra turma, aí depois mudou pra essa que 'tá agora, com a Letícia, a Thaís e as outras. A Suellen que 'tava aqui foi pra outro projeto.

R: Por que você quis aprender a mexer na internet?

Q: Todo mundo mexe, eu também quero mexer! E eu também queria aprender a mexer no Word, porque eu tenho que fazer um trabalho na igreja. A gente tem um grupo de oração. Então eu tenho que digitar os textos e dar um papelzinho pra cada um toda semana. São 13 linhas para cada pessoa e são 60 pessoas. Então eu decidi aprender pra não ficar dependendo só da minha filha.

R: Você tentou aprender sozinha antes das aulas?

Q: Não. Na verdade, eu já tinha entrado em um curso, mas faz muito tempo. Então eu senti a necessidade de fazer de novo.

R: Quantos anos tem sua filha?

Q: 24.

R: E ela já te ajudou em alguma coisa no computador?

Q: Algumas coisas, mas ela não tinha muita paciência.

R: Você já encontrou uma amiga ou parente pela internet?

Q: Sim, um sobrinho meu que fazia tempo que eu não via, aí eu vi aqui e foi muito legal. Encontrei pessoas que há muito tempo eu não via também.

R: E você conversou com eles?

Q: Não, só vi. Ainda 'tô pensando se eu vou conversar.

R: E você achou difícil aprender?

Q: Um pouco. Mas tem que treinar e mexer mais. Eu mexo só uma vez por semana mesmo. Eu tenho um pouco de medo ainda.

R: Medo do que?

Q: De entrar em alguma coisa que vá trazer prejuízo depois, tanto pro computador quanto pra mim. Eu tenho medo e eu não mexo muito. Quando eu ‘tava aprendendo em outro lugar, a gente apertava um botão ou uma tecla e sumia tudo o que a gente ‘tava fazendo. Áí eu não gostava não. Tem que prestar atenção, né.

R: Até agora, o que você mais gostou de aprender?

Q: Ah, eu acho que tudo é importante. Tudo é um aprendizado. Vai só adicionando.

R: E mudou alguma coisa na sua vida aprender a mexer no computador e na internet?

Q: O que mudou foi que eu encontrei pessoas queridas pelo *facebook*. Mas eu não me prendo, não tenho o costume de entrar sempre. Só entro quando preciso mesmo.

7. Anexos

ANEXO A - Aula 1 do segundo semestre do projeto Terceira Idade Digital (TID)

UNATI: Universidade Aberta para Terceira Idade
Projeto TID: Terceira idade digital

Sejam todos bem-vindos novamente

Aula 1 – Segundo Semestre

Data: 09/08/2012

- Dispositivos móveis:

Câmeras Digitais, celulares e pen-drives, são aparelhos que quando conectados ao computador podem compartilhar arquivos como músicas, vídeos e textos.

Câmeras digitais e celulares geralmente vêm com um cabo que você conecta ao aparelho e ao computador e partir daí ocorre o compartilhamento.

Pen drives é um pequeno dispositivo móvel que serve para armazenar arquivos do computador, muito prático porque quando você precisa de um arquivo é mais fácil levar o pen drive do que o computador. Estes não precisam de cabo.

- Instalando dispositivos móveis

- 1) Todos esses dispositivos entram no computador através entrada USB, que é um quadradinho que geralmente fica na frente da caixa da CPU.
- 2) Após conectar, clique em iniciar > meu computador, todo dispositivo possui um nome, clique no dispositivo.
- 3) Ele abrirá o dispositivo e mostrará todos os arquivos que existem lá dentro.

- Colocando Arquivos no Computador

- 1) Clique com o botão direito do mouse em cima do arquivo que deseja.
 - 2) Selecione a opção Copiar (se deseja manter uma cópia no computador) ou Recortar (se não quer manter uma cópia).
 - 3) Entre em iniciar > clique na pasta que desejar (meus documentos, minha imagens).
 - 4) Clique com o botão direito do mouse em cima da parte branca da tela que abrir.
 - 5) Selecione a opção Colar.
- OBS: a mesma operação pode ser feita para colocar arquivos no pen-drive vindos do computador

- Retirando o Dispositivo com segurança

- 1) No canto direito da barra que fica no rodapé da tela, temos a hora, e próximo a hora um símbolo de um pen drive.
- 2) Clique com o botão direito do mouse em cima do símbolo de um pen drive.
- 3) Selecione a opção remover este dispositivo com segurança ou ejetar.
- 4) Caso apareça uma página clique em OK
- 5) Retire o dispositivo do computador.

ANEXO B - Aula 2 do segundo semestre do projeto Terceira Idade Digital (TID)

UNATI: Universidade Aberta para Terceira Idade

Projeto TID: Terceira idade digital

Aula 2 – Segundo Semestre

Data: 16/08/2012

- E-mail

O e-mail é uma caixa postal utilizada para troca de mensagens online. É o endereço para onde podem ser enviadas mensagens, fotos, vídeos ou documentos. Ele é formado pelo nome de usuário e o nome de domínio a qual ele pertence.

Ex: projetounati@gmail.com

projetounati: nome de usuário

gmail.com: domínio

- Acessando seu e-mail

- 1- Procure o clique no ícone do navegador da internet. Ex: Google chrome , internet Explorer  ou mozilla Firefox . Ele pode estar na barra inferior da tela, na área de trabalho ou ainda no menu iniciar.
- 2- Na página da internet, digite na barra de endereço (na parte superior da tela) o site do seu e-mail. Ex: www.gmail.com ou www.hotmail.com
- 3- Digite o seu endereço de e-mail e depois sua senha.

- Ferramentas do e-mail

Todos os sites de e-mail possuem algumas ferramentas padrão. O que os diferencia é a disposição na página da internet. Esses ícones normalmente ficam localizados na margem esquerda ou superior da tela.

Os mais importantes são:

- 1- Caixa de entrada: Serve somente para receber novos materiais que chegam até nós. Os e-mails mandados por pessoas ou empresas conhecidas são enviados diretamente para a caixa de entrada. Quando um e-mail está em **negrito** significa que ainda não foi lido e por isso deve ser aberto. Mantenha sua caixa de entrada sempre limpa, ou seja, apenas com os e-mails que você realmente quer guardar, pois com o tempo ela pode ficar lotada e você não vai mais conseguir receber os e-mails novos.
Obs: Cuidado: Apenas abra e-mails de endereços confiáveis; quando você souber quem está te enviando. Nos outros casos opte por excluí-los, pois pode ser vírus.
- 2- Caixa de Saída ou Enviados: Aqui ficarão armazenadas todas as mensagens que você enviar para algum contato.
- 3- Rascunho: Aqui são armazenados os e-mails que você começa a escrever e, por algum motivo, não termina ou não consegue enviar.

- 4- Lixeira: É para cá que vão os e-mails excluídos da caixa de entrada ou de saída. Tudo que é descartado vai parar na lixeira. Também é importante mantê-la sempre vazia para impedir que ela fique lotada.
Para excluir uma mensagem, vá para a caixa de entrada e clique com o botão esquerdo do mouse na caixinha ao lado do e-mail desejado. Depois clique no símbolo da lixeira.
- 5- Span ou Lixo eletrônico: para essa pasta são destinados todos os e-mails mandados automaticamente para uma grande quantidade de pessoas. Os e-mails que não possuem um endereço confiável (ou seja, que você provavelmente não conheça) vêm parar aqui por motivos de segurança para, no caso de vírus, serem visualizado com maior cuidado.
Obs: Algumas vezes, e-mails que deveriam aparecer na caixa de entrada acabam indo para o lixo eletrônico. Esses são e-mails que acabam sendo identificados automaticamente como não confiáveis, mas que muitas vezes são. Então, confira sempre o lixo eletrônico também.

Importante saber!

O que são os vírus?

É mais ou menos parecido com o vírus que nós vivemos pegando por aí. A diferença é que no computador o vírus não é biológico e sim eletrônico. Assim como o vírus biológico compromete a nossa saúde, o vírus eletrônico pode comprometer a vida útil do nosso computador.

Esse vírus é um pequeno programa criado para causar algum dano no computador do usuário do computador. Os mais fracos podem “apenas” apagar alguns arquivos ou deixar algumas funções da máquina prejudicadas, mas existem vírus que tem o objetivo de roubar informações sigilosas de quem é infectado.

Ex 1: Uma loja, banco ou qualquer tipo de empresa envia um e-mail pedindo dados bancários.

Se isso acontecer, desconfie. As empresas vão sempre enviar um e-mail pedindo para você entrar em contato, mas nunca pedir informações confidenciais por e-mail.

Ex 2: Pessoas conhecidas enviam e-mails com título: “é você nessa foto?” ou “Não queria te contar, mas você está sendo traído”

Ninguém vai te mandar um email com um título desses. Esse tipo de mensagem não é voluntária. Normalmente acontece porque essa pessoa clicou num e-mail desse tipo e ativou um vírus, depois, automaticamente, a mesma mensagem foi enviada para todos os contatos dela.

VISUALIZANDO SEU E-MAIL

Entrada (24) - projetounati x

https://mail.google.com/mail/u/0/?shva=1#inbox

+Você Pesquisar Imagens Mapas Play YouTube Notícias Gmail Docs Agenda Mais

Google

projetounati@gmail.com

Gmail

1-50 de 80

ESCREVER

Join the Americas MBA - fia.com.br/internationalamericas - 4 top schools. 1 great MBA. Classes in Brazil, Canada, USA & Mexico. Qual o motivo deste anúncio?

Selecione	Destinatário	Assunto	Data
☒	Pamela, mim (2)	Trabalho voluntário UNATI - Olá Pamela, Ficamos muito felizes com o seu interesse. As aulas acontecem às quintas-feiras	14 ago
☐	Vivian, mim (3)	Dúvida sobre o Projeto - Olá Leticia! Caso eu possa chegar atrasada na aula, tenho interesse de fazer a visita sim! Obrigad	14 ago
☐	Carolina, mim (2)	Unati - voluntária - Olá Carolina! Ficamos muito felizes com o seu interesse. As aulas acontecem às quintas-feiras, das	14 ago
☐	Gabi, mim (2)	Voluntária - Olá Gabriele! Ficamos muito felizes com o seu interesse. As aulas acontecem às quintas-feiras, das	14 ago
☐	Bru Nogueira	Voluntariado - Boa tarde, estou enviando os dados indicados para participar do projeto UNATI. Nome: Bruna Carolina	14 ago
☐	Denise, mim (2)	voluntária - Olá Denise! Ficamos muito felizes com o seu interesse. As aulas acontecem às quintas-feiras, das 14h	14 ago
☐	mcgobbi	[Automatic Message] - This message is an automatic response. Message [=7ISO-8859-1?Q?	14 ago
☐	mcgobbi	[Automatic Message] - This message is an automatic response. Message [=7ISO-8859-1?Q?Relatório_Unati?] received.	11 ago
☐	Murilo Tomaz	Áudio -Programa "ATIVIDADE" - Segue em anexo o áudio do programa ATIVIDADE sobre a UNATI de Bauri. Obrigado, M	8 ago
☐	Maria Candida Del Masso	Revistas para Unati - Querida Célia, tudo bem com você? Estou verificando algumas pendências da Unati e vi que você não	18 jul
☐	Daniela Gonçalves de Sou.	Marketing Motivação e Gerencia de Pessoas - Boa tarde! A Uniseb (União de cursos superiores)conveniada da Fundaç	16 jun

PT 21:44 15/08/2012

ANEXO C - Aula 3 do segundo semestre do projeto Terceira Idade Digital (TID)

UNATI – Universidade aberta à terceira idade
TID – Terceira idade digital

Aula 3 – PASTAS

23/08/2012



Pastas são compartimentos que servem para armazenar todo tipo de arquivo dentro do computador. O próprio computador organiza os arquivos em 4 grandes pastas que são chamadas de bibliotecas, são elas: Musicas, imagens, documentos e vídeos.

1) Criando uma pasta:

Dentro de qualquer uma dessas 4 bibliotecas, ou na área de trabalho, você pode criar uma pasta para armazenar o que você quiser.

- a) Clique no iniciar  > Documentos. Aparecerá uma janela com todos os documentos e pastas.
- b) Clique com o botão direito em um pedaço em branco da janela > selecione o novo > pasta.
- c) Aparecerá uma pastinha com um nome grifado de azul chamado “nova pasta” digite seu nome.

2) Colocando arquivo na pasta:

Após passar a foto para o computador.

- a) Clique com o botão direito em cima da foto
- b) Clique com o botão esquerdo em cima da opção Copiar
- c) Vá até o local que você criou a pasta
- d) Clique no local em branco com o botão esquerdo na opção Colar

Email:

3) Passando este arquivo por email:

- a) Clique no link do navegador (Google Chrome, Firefox ou Explorer)
- b) Digite o site que hospeda seu email na barra no topo da página (ex: gmail.com ou Hotmail.com)
- c) Digite seu login e sua senha e aperte o Enter.

- d) Clique no ícone escrever ou novo
- e) Digite para o email de quem você deseja enviar seu arquivo (pode ser o seu mesmo) na barrinha em frente ao Para.
- f) Coloque o assunto do arquivo em frente a barrinha escrito Assunto.
- g) Clique no Anexar Arquivo
- h) Abrirá uma página onde você deve procurar sua pasta no computador
- i) Clique no arquivo que quer enviar e após clique em abrir
- J) Caso queira pode escrever o texto no espaço em branco, trocar o tamanho a cor e a fonte do texto
- L) Após isso clicar em enviar
- m) Verifique clicando em enviados se seu email foi enviado.

ANEXO D - Aula 4 do segundo semestre do projeto Terceira Idade Digital (TID)

UNATI: Universidade Aberta para Terceira Idade

Projeto TID: Terceira idade digital

Aula 4 – Segundo Semestre

Data: 29/08/2012

- **Vídeos na internet**

Na internet, podemos encontrar vários sites com vídeos sobre diversos assuntos: clipes musicais, cenas de novelas, culinária, filmes, etc. São muitos os sites que fornecem esse tipo de ferramenta, porém nem todos são confiáveis.

Por isso, na aula de hoje usaremos um site muito comum que nos permite assistir a esses vídeos online, ou seja, sem precisar transferi-lo para o nosso computador.

www.youtube.com

Nesta aula vamos procurar cenas de seu filme favorito e enviar o link para você por e-mail.

Passo a passo:

- 1- Procure na sua barra de tarefas, na área de trabalho ou no menu iniciar o ícone do navegador de sua preferência: Google chrome, internet explore, mozilla Firefox.
- 2- Clique com o botão esquerdo do mouse no ícone para abrir uma página da internet.
- 3- Na barra de endereço, digite: www.youtube.com e aperte a tecla “enter”.
- 4- Na barra de pesquisa do site digite o nome do filme que você quer procurar. Ex: “E o vento levou”. Em seguida tecle “enter”.
- 5- Aparecerá uma página com vários vídeos diferentes sobre a palavra que você digitou, mas nem todos são sobre o que você está procurando.
- 6- Se estiver na dúvida, clique no vídeo para assistir.



Aperte o play  e comece a assistir, caso não for o que você procura clique em “voltar” no canto superior direito da tela e procure nos próximos vídeos.

7- 4 funções importantes durante a execução do vídeo: play  serve para seguir o vídeo, pause  serve para pausar o vídeo, volume  serve para ajustar o som e tela inteira  aumenta o tamanho do vídeo.

Enviando o vídeo por email:

- 1- Copie o link do vídeo que você escolheu. Para isso selecione o link na barra de endereços e clique com o botão direito do mouse, selecionando a opção “copiar”.
- 2- Abra seu email.
- 3- Clique em “escrever” ou “novo e-mail”.
- 4- Digite o endereço para quem você quer enviar e logo abaixo digite o assunto.
- 5- Clique com o botão direito do mouse no quadro branco onde costumamos escrever a mensagem. Selecione a opção “colar”. Se desejar escreva alguma mensagem para quem vai receber o email.
- 6- Clique em enviar.

ANEXO E - Aula 6 do segundo semestre do projeto Terceira Idade Digital (TID)

UNATI – Universidade aberta à terceira idade

TID – Terceira idade digital

Aula 6 – Facebook

20/09/2012

Recapitulando:

Aula passada vimos os três principais ícones do facebook:



- Solicitação de amigos para aceitar
- Mensagens para ler
- Atualizações de amigos

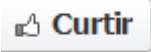
Na aula de hoje, conheceremos mais algumas ferramentas disponíveis no site.

- 1) Adicionar amigos
- 2) Opção curtir
- 3) Chat
- 4) Inbox (mensagem)

Adicionando amigos:

- 1- Procure: na barra branca na parte superior da tela, digite o nome e sobrenome de quem você deseja adicionar. Vão aparecer vários nomes iguais, portanto, veja a foto para saber se aquele é realmente seu conhecido.
- 2- Clique no nome desejado para ser direcionado ao perfil dessa pessoa
- 3- Quando o perfil aparecer, procure o retângulo  (no lado direito do nome da pessoa) e clique sobre ele.
- 4- Pronto, está adicionado! Agora é só esperar que a pessoa te aceite!

Opção “Curtir”:

O facebook está cheio de fotos, frases e comentários que as pessoas publicam. Se você gostou de alguma publicação e quer mostrar isso à pessoa que colocou, o “curtir” é uma das opções. 

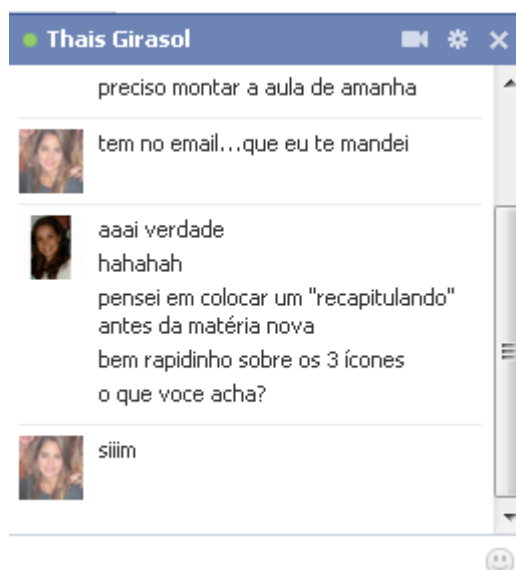
- 1- Todas as publicações possuem opções como Curtir – Comentar – Compartilhar, que ficam logo abaixo da imagem ou texto que a pessoa publicou.
- 2- Para curtir uma publicação, basta clicar sobre [Curtir](#)
- 3- Após curtir uma publicação seu nome aparecerá nela, ao lado das outras pessoas que também curtiram



Chat:

O chat serve para conversar com seus amigos online. É uma forma mais rápida de trocar mensagens e também é mais privada.

- 1- Do lado direito da tela aparecerá o bate-papo. É lá que você vê quais dos seus amigos estão online, ou seja, estão no facebook naquele momento. Amigos online possuem uma bolinha verde ao lado do nome.
- 2- Se a pessoa com quem deseja conversar aparece nessa barra lateral, clique sobre o nome dela. Caso não apareça, digite na parte de baixo dessa barra o nome da pessoa desejada e veja se ela está online.
- 3- Para iniciar a conversa, clique sobre o nome da pessoa. Abrirá uma janelinha de bate-papo na parte de baixo da sua tela. Clique na barrinha branca, escreva sua mensagem e aperte a tecla “enter”. É só esperar ela responder.



Inbox ou Mensagem:

Essa função é utilizada para que você deixe algum recado privado para uma pessoa caso ela não esteja online ou não lhe tenha como amigo no facebook.

- 1- Para deixar um inbox, vá até o perfil da pessoa desejada e clique no ícone “mensagem” (ao lado do nome da pessoa).
- 2- Abrirá uma nova janela para que você digite o texto. Escreva o que desejar e clique em enviar.
- 3- Abaixo do espaço para texto, aparece um clips. Ele serve para inserir algum arquivo que esteja no nosso computador. Este procedimento é igual ao que utilizamos no nosso e-mail (clique no clips, escolha o arquivo que deseja enviar e clique em abrir). Depois é só enviar a mensagem.

A imagem mostra a interface de envio de uma mensagem no WhatsApp. No topo, há uma barra azul com o texto "Nova mensagem". Abaixo, o campo "Para:" contém o nome "Denise Valente" com um ícone de "x" para remover. Abaixo disso, há uma dica de texto: "Digite o nome ou endereço de e-mail de um amigo". O campo "Mensagem:" é uma área vazia para digitar o texto. Abaixo do campo de mensagem, há dois ícones: um de clipe (para anexar arquivos) e um de câmera (para tirar uma foto). À direita desses ícones, há um link azul que diz "Veja o histórico de mensagens com Denise". No rodapé, há dois botões: "Enviar" (em azul) e "Cancelar" (em cinza).

Tarefa: Coloque em prática todas as ferramentas aprendidas na aula de hoje e retire suas dúvidas.

ANEXO F - Aula 7 do segundo semestre do projeto Terceira Idade Digital (TID)

UNATI – Universidade aberta à terceira idade

TID – Terceira idade digital

Aula 7 – Facebook

27/09/2012

Recapitulando:

Exercícios para treinar as ferramentas já aprendidas:

- 1) Curta uma foto de um amigo;
- 2) Comente na foto de outro amigo;
- 3) Mande um recado no mural de algum amigo;
- 4) Mande um inbox (mensagem) pra algum amigo.

Fã Page:

São páginas que tem milhares de pessoas que possuem um gosto em comum sobre um determinado assunto ou pessoa. Por exemplo artistas, programas de tv, empresas tem sua própria fã page. Você curte de acordo com sua preferencia e a partir dai em sua página inicial aparecerá as atualizações destas fãs pages.

Para encontrar a fã page:

- 1) coloque na barrinha em branco lá em cima o nome do artistas ou programas de tv ou empresa que você gosta
- 2) Aperte enter
- 3) Clique na opção que você preferir
- 4) Entre na página e clique na opção “curtir”

Vídeo:

No facebook você pode compartilhar além de imagens, vídeos também.

- 1) Abra uma nova guia (aba): clique no quadradinho ao lado da sua página aberta lá em cima;
- 2) Entre no site www.youtube.com.br;
- 3) Clique na barrinha branca na página e digite o nome de uma música, ou um vídeo que você goste;
- 4) Veja o vídeo
- 5) Selecione o link na barrinha lá em cima
- 6) Clique com o botão direito em copiar
- 7) Vá até a outra aba que está com o facebook (o retângulo lá em cima)
- 8) Clique na sua foto para ir até seu perfil
- 9) Clique com o botão direito no quadradinho em branco e clique em “colar” e depois publicar, se quiser pode escrever algum comentário sobre o vídeo

Exercício:

Veja o vídeo de um amigo, se gostar, curtam e faça comentário.

Enviar imagem no perfil de alguém:

- 1) Você deve ter a imagem salva dentro do computador, com a imagem que você quer mandar dentro do computador;
- 2) Vá até o perfil do seu amigo, procurando-o na barrinha branca;
- 3) Estando no perfil dele clique em “foto” em cima do retângulo branco logo abaixo da foto dele;
- 4) Procure o arquivo salvo em seu computador, escreva uma legenda se quiser;
- 5) Clique em publicar

ANEXO G - Aula 8 do segundo semestre do projeto Terceira Idade Digital (TID)

UNATI: Universidade Aberta para Terceira Idade Projeto TID: Terceira idade digital

Aula 4 – Segundo Semestre

Data: 29/08/2012

- **Google Maps**

O google maps é uma ferramenta disponibilizada pelo Google (aquele site de pesquisa que usamos quando precisamos encontrar alguma coisa na internet). Ela serve para nos ajudar a encontrar lugares, endereços e caminhos para chegar até eles.

No google maps podemos pesquisar como ir de um endereço a outro a pé, de carro e até mesmo de ônibus. Além disso, podemos optar também por um caminho mais curto ou mais rápido.

Passo a passo:

1- Na internet, acesse o site do google. www.google.com.br

2- Na parte de cima do site você encontra uma barra com diversas opções. Clique na opção “mapas”.

Para procurar um lugar específico:

3- Se você quiser procurar um lugar específico (ex: uma pizzaria, ou o endereço que morou na infância), clique na barra branca, que aparece do lado da imagem do google na parte de cima do site, e digite o máximo de informações que você tiver: endereço completo ou pelo menos o nome do lugar, cidade e estado. Quanto mais informações você tiver, melhor será seu resultado. Aperte a tecla “enter” ou clique na lupa no canto da barra.

4- Utilize o zoom (sinal de + e -) para aproximar ou afastar a imagem. Dependendo do lugar que você está visitando é possível passear pela rua como se estivesse com uma câmera. Para isso, basta arrastar o bonequinho até o ponto vermelho que aparecerá no mapa.

Para descobrir como chegar a determinado lugar

5- Clique no ícone “como chegar” no canto esquerdo da tela.

6- Selecione como você quer chegar nos ícones abaixo do “como chegar”. Esses ícones possuem as opções carro, ônibus e a pé.

7- Logo abaixo, você encontrará opção A e B. Utilize A para digitar o endereço de onde você está saindo e B para o endereço para onde quer ir. Clique em “como chegar”.

8- Aparecerá uma lista com trajetos sugeridos. Clique no de sua preferência e dê zoom se necessário.